

# SICOOB CULTURA

Instituto Cultural Sicoob Unicentro Brasileira / Ano 3 - Número 6 - Maio/2018





# Um mundo digital onde você é essencial.



Pelo computador, celular e tablet, você tira extrato, faz transferência, empréstimo, depósito e muito mais.

Além de saques nos caixas eletrônicos, Banco 24horas e Rede Cirrus.

É mais prático, mais ágil e muito mais seguro.

**E o melhor: você faz de onde estiver.**

 **SICOOB**  
UniCentro Brasileira

## CONSELHO EDITORIAL

Hélio Moreira - Coordenador  
Clidenor Gomes Filho  
Fernando Passos Cupertino de Barros  
Lena Castello Branco

### Diretoria Sicoob Unicentro Brasileira

#### CONSELHO DIRETOR

Presidente – Raimundo Nonato Leite Pinto  
Diretor administrativo - Tarciso Dagolberto Borges  
Diretor financeiro - Getulivam Pinheiro de Belém

#### CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Presidente  
Clidenor Gomes Filho  
Conselheiros  
Dejan Rodrigues Nonato  
Diogo Mafía Vieira  
Fernando Antônio Esmeraldo Justo  
Geraldo de Jesus Gonsalves  
Geraldo Rodrigues Mendonça  
Hélio Moreira  
José Umberto Vaz de Siqueira  
Regina Maria Santos Marques  
Rodrigo Naves Pinto  
Tânia Cristina Edreira Porto Almeida  
Túlio César Vaz de Melo

#### Suplentes

Geraldo Silva Leal  
João Batista Pereira Machado  
João Damasceno Porto  
João Ribeiro de Moura  
Patrícia Silva de Araújo Helou Rassi

#### Conselho Fiscal

Alvacir Cândido dos Reis  
Gláucio Madeira de Souza  
Wandeley de Paula Júnior  
Rosa Maria Nascimento Gonçalves  
Haroldo Maciel Carneiro  
Luciano Leão Mesquita

#### Coordenador de marketing

Lindomar Guimarães de Oliveira

#### Presidente do Instituto Cultural

Hélio Moreira

#### Coordenadores dos PAs (Pontos de Atendimento)

**Goiás** • Federalcred - Geraldo Silva Leal  
• Aparecida de Goiânia - Mauricio Lopes Prudente  
• Luziânia - Lucas Antônio Roriz de Moraes  
• Caldas Novas - Geraldo Rodrigues Mendonça  
• Morrinhos - Orsi Martins da Silva  
• Itumbiara - Cairo Bernardino Gomes

#### Distrito Federal

• Asa Norte e Asa Sul - Francisco José Rossi  
• Taguatinga - Artur David F. de Lima

#### Tocantins

• Araguaína - Luiz Carlos de Oliveira  
• Gurupi - Mário Tadeu Kroeff de Souza  
• Palmas - Leo Antônio Almeida Godinho

#### Instituto Cultural Sicoob Uni Centro Brasileira

Av. T 8, 109, Setor Marista  
74150-060, Goiânia, GO

[www.institutocultural.unisicoob.com.br](http://www.institutocultural.unisicoob.com.br)

# APRESENTAÇÃO

Estamos de volta com a revista *Sicoob Cultural*, em seu número 6.

Nós, do Conselho Editorial, almejamos que a presente edição seja melhor do que a anterior, uma vez que esta foi melhor do que as que a precederam - assim o pensamos!

Graças ao incentivo financeiro e, sobretudo, à confiança depositada por parte da diretoria da Sicoob Unicentro Brasileira no Conselho Editorial, temos a pretensão de (como anteriormente) termos escolhido textos e, principalmente, autores do mais alto conceito na nossa região.

Pensamos que os leitores que nos acompanham irão gostar da seleção que fizemos. Nesta oportunidade, iremos abordar a história da medicina goiana, com um maravilhoso artigo da escritora e sobretudo historiadora, Maria Augusta Sant' Anna de Moraes.

Com a sua verve investigativa, Bento Fleury traz-nos um panorama do rádio em Goiás, desde a nossa antiga capital (1936) à "modernidade" do século passado em Goiânia.

A Professora Lena Castello Branco faz um passeio pela política, desde o antigo Partido Republicano até a era de Juscelino Kubitschek, evocando o jornalista Eliezer Penna, quando ele conta, em livro da sua autoria, uma infinidade de anedotas hilárias sobre políticos.

Cada qual na sua especialidade, Leoldio Di Ramos Caiado e Bariani Ortêncio trazem à baila temas inerentes à nossa goianidade: Leolidio fala sobre a vida dos índios Javaés na Ilha do Bananal; Bariani, sobre o sertão de Goiás e, principalmente, uma caçada de onça.

O médico João Damasceno Porto e o consagrado cronista Irapuan Costa Junior trabalham com assuntos mais amenos. O primeiro evoca a Goiânia dos anos 1950; o segundo reporta-se a um livro adquirido em um "sebo", e como se fosse um detetive, tenta descobrir a origem da dedicatória que o intriga e desafia. Narrativa cheia de suspense!

Um dos momentos mais marcantes que Aidenor Aires, Eurico Barbosa e eu vivemos nos almoços culturais que promovíamos, foi a discussão - que ora reproduzimos - sobre as livrarias de antigamente, como centros de cultura e de confraternização de escritores e pessoas amantes da literatura. Ao nos ajudar na revisão rotineira do texto, nossa querida Professora Lena Castello Branco confessa que chegou a se emocionar, com o relato sobre os momentos finais de um dos personagens referenciados.

Depois de várias tentativas, conseguimos trazer para participar da nossa revista o consagrado escritor Heleno Godoy, citado por Mario Chamie como sendo aquele que instaurou a linguagem práxis em Goiás.

Heleno possui uma narrativa muito própria, com texto cheio de repetições intencionais, muito próximo dos trabalhos dadaístas e da própria práxis; a transparência na sua linguagem parece indicar uma comunicação direta entre o autor e o leitor - e, com isto o autor, controla o leitor, levando-nos de volta ao modernismo. Se estivesse viva Gertrudes Stein (criadora da linguagem mecânica no século XX, em Paris), ela colocaria Heleno Godoy no rol dos grandes escritores contemporâneos.

Uma novidade: o Somelier e médico Breno Faria, traz à baila um assunto cada vez mais discutido nas rodas acadêmicas, qual seja a magia do vinho nas refeições. Combinando com a poesia do vinho, temos a ternura poética de Sônia Santos e do nosso querido e inesquecível José Fernandes. A inspirada capa é de autoria da artista plástica, Helena Boareto; e, para fazer mais belos os textos, temos sempre a companhia do consagrado artista, o goiano Amaury Menezes.

**Conselho Editorial**



# ÍNDICE

CENAS DO SERTÃO

Bariani Ortencio 3



O RÁDIO EM GOIÁS - NAS ONDAS DA INTEGRAÇÃO DO GRANDE OESTE

Bento Fleury 5

DEGUSTANDO A VIDA

Breno de Faria 9



O BISAVÔ

Heleno Godoy 11

AS LIVRARIAS (DE OUTRORA) E OS ESCRITORES

Hélio Moreira, Aidenor Aires e Eurico Barbosa 15



REFLEXÕES SOBRE UMA PEQUENA DEDICATÓRIA

Irapuan Costa Junior 20

SAUDADE DOS ANOS CINQUENTA

João Damasceno Porto 23



TEMPO

José Fernandes 25

POLÍTICA E POLÍTICOS

Lena Castello Branco 26



OS INDIOS JAVAÉS

Leolídio di Ramos Caiado 28

AS CRENDICES, OS CHÁS MEDICINAIS E OS REMÉDIOS POPULARES  
NO CAMINHAR DO SÉCULO XX EM GOIÁS

Maria Augusta Sant'Anna Moraes 31



LEVANTO OS PÉS / SANTA TEREZINHA

Sônia Maria Santos 35

Imagem da Capa: Helena Maria Boaretto P. Vasconcelos, nascida em UBERABA MG, residente em Goiânia há 42 anos. Dedico-me a 20 anos a pintura e sou artista NAIF. Nome artístico Helena Vasconcelos. Ganhei alguns prêmios de grande significado como o IV Sesi Arte Criatividade em 2004. Várias exposições individuais em Goiânia, Brasília DF. Curadora voluntária do Projeto Arte no HGG. Várias exposições coletivas pelo Brasil e exterior, com obras em importantes acervos.



O autor de todas as gravuras desta revista é Amaury Menezes, que nasceu em Luziânia (GO) e vive em Goiânia há muitos anos, artista plástico, foi um dos fundadores, professor e primeiro diretor da Escola de Arquitetura da PUC/GO. É membro efetivo do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás e da Academia e Letras e Artes do Planalto.



## CENAS DO SERTÃO\*

Bariani Ortencio

\* Excerto do livro: *O que foi pelo Sertão* 2ª edição – (publicado em 2006)

Entardecia. A manada de “brabças” voltava das margens do caudaloso Araguaia, onde havia saciado a sede. Passou, antes, por diversas lagoas, mas o gado conhece a voracidade das piranhas e prefere morrer de sede a se arriscar a encostar o focinho nessas águas. O rio é mais seguro.

As rezes atravessaram um pedaço de mato fechado e reuniram-se numa clareira onde, pachorrentamente, foram se ajoelhando para ruminar a relva fresca e verde, catada naquelas minguadas pastagens. As vacas nada temiam, mostrando-se mesmo serenas, apresar

de serem extremamente selvagens, criadas, naturalmente, no ermo. O preocupado era o touro, único macho da manada. Era ele o responsável pelas fêmeas; sabia que todas repousavam, tranquilamente, porque confiavam na sua guarda. De súbito, põe-se de pé. A pequena boiada se agita, indecisa, embora se mantendo no bolo. O touro, espumando pela boca, cavucando com as patas dianteiras, assoprando, esticado, corpo todo retesado, toca de roda, protegendo as fêmeas, conservando-as sempre unidas, empelotadas. A cena é de imenso terror; nenhuma se mexe no redil.

O silêncio é absoluto. Somente o touro assopra, esgravata o chão. Qual o perigo?! Índios? Não, porque, para índios, a tática seria diferente: o estouro se faria incontinente e não se daria a lateral para o lado do ataque, pois a traseira rompe, mesmo flechada, o que não se dá com a pá e tala do pescoço. A manada sabe que está sendo atacada pela voracidade de uma ou mais onças. A única defesa é esta mesma: ela terá que atacar o boi e, enquanto este luta, abre-se o aprisco em demanda a um sítio seguro.

A expectativa é tremenda. Eis que o esperado ocorre: uma enor-





me canguçu se atira no cupim do marruá e as encuraladas estouraram numa disparada célere e vão, como foguetes, num reboar de cento-e-sessenta patas.

O touro emenda atrás, saltando, arcando, fungando e procurando desfazer-se da carga, ora indo de encontro a um tronco, ora ajoelhando e esfregando a pintada no chão.

Porém, a demora verificada no assalto foi para a bicha fazer bem os seus cálculos: a caçadora firmava-se com as patas no dorso do animal e com a mão esquerda no cupim; a direita estava firme no focinho, passada por baixo dos chifres e as unhas encravadas na carne, como se fossem cinco ganchos a se cruzarem as pontas, internamente. Um risco de poeira subia até o céu e um estrondo se fazia ouvir por aquela paragem.

Os macacos, sempre medrosos, procuraram as copas das árvores. Os jacarés deslizaram pelas margens e enfiaram-se pelas águas das lagoas. As garças, alvas como um símbolo de paz, levantaram voo. Os queixadas silenciaram o tremor de dentes. Somente a manada corria numa destruição espantosa. O touro lutava, desesperadamente. As suas forças foram, enfim, se esgotando e, agora, apenas

corria, dobrado como um arco, e o braço direito da canguçu estava retesado como a corda deste próprio arco. Ouve-se um grande estalo. O "brabeza" amontou, freneticamente, com o pescoço destroncado.

Agora espumava e soltava borbotões de sangue pela boca e pelas narinas. O seu corpo tremia como se tivesse sezão; as patas cavucavam o solo num estrebuchamento que prefaciava o fim da sua imensa luta, da sua curta vida e da sua honra, até ali mantida. A canguçu vencera o touro, Outros "brabezas" ainda pastavam por aquelas bandas com imensos sulcos pelos lombos feitos por unhas de pintadas, mas aquela já havia se acostumado a fazer dessas proezas e nunca perdera: era uma onça tratada com carne de gado e variando sempre com a de índio.

Um silêncio quase profundo se fez sentir. Não se ouvia mais a quebrada das rezes. A onça ainda estava em cima do boi. Este não mais se mexia.

Com uma calma incrível, para aquele momento, a fera olhava para os lados, escolhendo uma moita a fim de guardar a presa, até esta começar a ficar rançosa. Deu em seguida, uma volta e segurou, calma e jeitosamente, com a boca, as narinas do vencido e, incrível-

mente, arrastou-o, ora puxando de fasto, ora indo de frente com as pernas abertas por cima do pescoço do animal. Meteu-o debaixo de uma moita e quebrou vários ramos para encobri-lo melhor.

Andou um pouco. Parou e fez um reconhecimento do ambiente: depois aprumou por um tronco de jatobá e desapareceu na mata para voltar na noite seguinte a fim de começar a devorar a custosa presa.

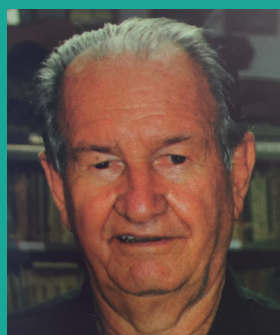
Vigiar não precisava, pois em amoitada de onça nem outra onça mesmo chega.

Até esse momento, as "brabezas" ainda se conservavam sempre amontoadas, respirando forte pela debandada. Depois algumas abaixaram as cabeças e foram catando feixes de capim do campo, aqui e ali, seguidas logo pelas outras. Uma ergueu a cabeça e cheirou longamente o ar. Tomou a frente e, a passos mansos, puxou a manada, talvez para encontrar um outro chefe que lhes garantisse, oportunamente, a fuga.

## VOCABULÁRIO REGIONAL GOIANO

**Brabeza:** gado criado à solta, sem dono, no ermo.

**Canguçu:** a maior onça brasileira, pintada e de lombo preto.



### Bariani Ortencio

*Nasceu nas Usinas Junqueiras, em Igarapava; foi alfaiate, jogador de futebol, prof. de matemática, comerciante, fazendeiro, industrial e minerador; foi cronista do jornal "O Popular". Foi o criador do prato - Peixe na telha.*

*É um dos escritores goianos que mais escreveu livros (mais de 40), destacando-se pelo ecletismo da sua obra : - A cozinha Goiana; Dicionário do Brasil Central; Cartilha do Folclore Brasileiro; Medicina Popular do Centro Oeste, A revolução Constitucionalista de 1932; Cartilha ao pré-escritor - Você gostaria de escrever um livro?; História Documentada e atualizada do bairro de Campinas (1810-2010), vários livros de crônicas sertanejas (Até parece mentira - Causos de caçadores e pescadores), inclusive alguns ficcionais.*



# O RÁDIO EM GOIÁS - NAS ONDAS DA INTEGRAÇÃO DO GRANDE OESTE

*Bento Fleury*

Em Goiás, a antiga Vila Boa, o primeiro aparelho radiofônico pertenceu a Pílade Baiochi (1894-1967), pioneiro do automobilismo comercial, que por seus elevados conhecimentos eletrônicos, teve a ideia de instalar uma estação radiofônica na velha capital. Ele chegou a manter ligação direta com o Rio de Janeiro, onde seu filho, Orlando Baiochi, fazia funcionar outro aparelho transmissor e receptor, em 1936. Foi um gesto muito ousado e comentado.

Por essa época, o então deputado federal Claro Augusto Godoy (1896 - 1986) fez a primeira mensagem de saudação aos vilaboenses pelo rádio, diretamente da então capital federal (Rio de Janeiro), no que foi pioneiro. O segundo aparelho de rádio na Cidade de Goiás pertenceu ao comerciante João Vicente da Costa Campos.

Ainda na velha capital, havia uma amplificadora no teto do coreto do Largo do Jardim (hoje Praça Dr. Tasso Camargo), instalada por Edilberto Santana, que transmitia músicas durante o "footing" diário dos jovens vilaboenses. Entretanto, pela agitação mudancista, nenhum desses empreendimentos teve êxito, visto que os horizontes se alargavam para a nova capital do Estado – Goiânia, que nascia nas proximidades de Campinas (hoje bairro da cidade de Goiânia)..

Em 1939, foi instalada em Goiânia, na Avenida Araguaia, uma

amplificadora que levava notícias, músicas, divertimentos e quebrava o bucolismo da cidade que surgia, segundo relata a cronista Mariana Augusta Fleury Curado (1897 - 1986) em sua coluna social *Do meu cantinho*, veiculada no jornal "O Popular". Nessa amplificadora fazia sucesso a cantora Vera Gonçalves, de linda voz, no programa "Hora da Saudade".

A Rádio Clube de Goiânia (ZYG-3), pioneira da radiodifusão no Estado de Goiás, entrou no ar em caráter experimental em agosto de 1942. Foi responsável por noticiar o Batismo Cultural de Goiânia, transmitindo os eventos do Oitavo Congresso Brasileiro de Educação e da 38ª Exposição Nacional de Cartografia e Estatística. Com destaque para a oração proferida pelo Dr. Ernesto Pelanda, diretor de Estatística Educacional do Rio Grande do Sul, publicada pelo Correio Oficial, de 17 de junho de 1942.

No mesmo ano, a emissora realizou, em sua sede na Avenida Tocantins, um concurso de locutores. Ao todo, 32 candidatos foram submetidos a uma comissão de alto nível: Venerando de Freitas Borges (primeiro presidente da Rádio Clube de Goiânia), Roberto Corte Real (Locutor da Rádio Cultura de São Paulo), Antônio Lisboa (Secretário da Rádio Clube de Goiânia), José Décio Filho (Poeta) e, nos estúdios, Inácio Xavier. Classificaram-se Vil-

mar Silva Guimarães, Edésio Elias Daher, José Drummond e José Lisita. Após novos testes, sagrou-se vencedor Vilmar Guimarães; em parceria com Inácio Xavier, os dois viriam a ser os locutores de rádio pioneiros em Goiás.

A inauguração oficial da Rádio Clube de Goiânia deu-se em 27 de agosto de 1942, quando seu presidente, o professor Venerando de Freitas Borges ressaltou que a Rádio Clube de Goiânia "é uma alavanca poderosa, um veículo destinado a relatar, dia por dia, os acontecimentos mais importantes que se operam nos diversos setores da atividade de nossas vidas".

Dois anos depois, essa emissora passou a divulgar propaganda comercial, firmada com as casas comerciais de todo o Estado; foram pioneiras as Casas Pernambucanas e a firma Irmãos Tavares, vendedores do famoso charuto "Costa Pena". Por essa época, teve início o programa "Despertador", inaugurado em 15 de julho de 1944, bem como um jornal falado, em colaboração com o jornal Folha de Goyaz.

Por ocasião da eleição para Presidente da República, em 02 de dezembro de 1945, a Rádio Clube de Goiânia fez realizar um Show Democrático na Brasserie Bandeirante, o que marcou a consagração de artistas do rádio goiano como Valdo, Nenzinho e Telca, Josafá Nascimento, Zé Micuim e Chi-



co Onça, Alberto Paulo, Os Galãs da Melodia, Téo, além das orquestras “Maxixe”, “Regional de Piray” e “Orquestra Típica Lupianez”.

Duas semanas depois, teve início o programa da Liga Goiana de Obras Sociais, liderado por Germano Roriz, com a colaboração de Francisca da Veiga Jardim (Titinha Veiga), Stella Maris (ex-cantora da Rádio Inconfidência, de Belo Horizonte) e Nair de Moraes. Era transmitido sempre nas tardes de domingo e veiculava músicas ligeiras .

Em 20 de Dezembro de 1945 foi ao ar pela primeira vez o programa “Noite de Arte”, com músicas refinadas e selecionadas, sob a direção da professora Nair de Moraes, sendo locutores Cunha Junior e Waldir Gonzaga, que apresentavam cantores como Sônia Costa, Maria da Glória Moreira, Irma Osório, Titinha Veiga, Maria de Lourdes Moraes, Francisca Ângelo Naves, Silvinha Naves, Paulo dos Reis Gonçalves, Josafá Nascimento (maior seresteiro goiano), Duílio Costa (conhecido por “Voz mexicana nos céus do Brasil”, grande intérprete de Titto Guizar e Pedro Vargas), James Gerard, Julio de Alencastro, Mariinha Pereira, Cléo de Minas, Maestro Geraldo Amaral, Amaury Lopes, Aparecida de Amorim, Ivan Marques e Tia Amélia Brandão. O programa estendia-se até às 23 horas das quintas-feiras, incluindo o *sketch* “Reminiscências dos grandes mestres”, feito por Maria de Lourdes Moraes.

Dessa mesma época é, ainda, o programa “Encantamento”, levado ao ar diariamente por Luiz Carlos Pimenta, em que eram lidas crônicas

de autores diversos. Em Campinas, na Praça Joaquim Lúcio, foi instalada uma amplificadora comandada por José Lisita. Em 1948, entrou no ar a Rádio Karajás, de Anápolis, a primeira do interior goiano, cujo locutor era Juvenal de Barros.

No ano seguinte, a Rádio Clube de Goiânia - sob a direção de Aloysio Sayol de Sá Peixoto - em parceria com o jornal Folha de Goyaz patrocinou o concurso Miss Goiás 1949, sendo candidatas Jussara Marques, Jurema Marques e Anita Ramos. Sagrou-se vencedora Jussara Marques, depois eleita Miss Brasil 1949, em apoteótica festa no Rio de Janeiro.

Por esse tempo, na Rádio Clube havia o programa “Serenata”, dirigido por Geraldo Amaral com a participação de Graciema Félix de Souza, Honorina Barra, Crundwald Costa (Costinha) e o Quarteto de Cordas. Dalva de Oliveira passou a integrar o quadro de locutores da Rádio Clube, como noticiadora, animadora, apresentadora e até operadora de som, tais as dificuldades da época. Dalva apresentou programas como “A sorte é sua”; ao lado de Darciso de Souza, “Alô Princesa” e “Disque para ouvir”, quando trabalhou nas Rádios Clube (por duas vezes), Difusora, Rádio Jornal de Goiás, Brasil Central e Riviera de Goiânia. Foram locutores Silvio Medeiros, Cunha Junior e Jeovah Baylão.

No campo esportivo, a Rádio Clube de Goiânia, nos anos 1960, apresentava os programas “A bola é nossa” e “A bola continua conosco”, de abrangência total do esporte em Goiás, tendo por locutor o famoso Willy Luiz.

Em 1950, surgiu a Rádio Brasil Central, com programas liderados por Jeovah Baylão, Silvio Medeiros, Fued Nacif, Luiz Carlos Pimenta Neto. Teve início o Rádio Teatro, com destaque para a atuação de Cici Pinheiro e Norma de Alencar, além de Luiz Rotoli, sucesso que se estendeu à televisão com a famosa “Família Brondie”.

Alcunhada de “Emissora Líder”, a Rádio Anhanguera de Goiânia entrou no ar 23 de outubro de 1955, tendo entre seus diretores, dentre outros, João Balbino Teixeira, que por seus méritos viria a ser escolhido Radialista do Ano (1964).

Nos anos 1950 já eram conceituados no rádio goiano os nomes de Sebastião Ramos Jubé e Didi Costa, grande apresentadora que criou o programa “Escolinha da Didi” e foi participante de “A bossa é recordar”, “Clube dos ouvintes” e “Uma Palavra Amiga”.

Não podem ser esquecidos os nomes de Ariel Stenis, José de Oliveira, Castro Filho, José Divino, Moraes César e as famosas “Rainhas do Rádio Goiano”: Darcy Silva, Bernadete Ribeiro, Solange Maria e Zuleica Maria. Em 1961, na Rádio Clube de Goiânia, destacava-se Marília Nogueira - “A boneca que fala”- com o programa “Clube do Rock”. Osny Cordeiro cantava sambas na Rádio Anhanguera e Eurípedes Morato interpretava Bossa Nova.

Com a fundação da Rádio Difusora de Goiânia (maio de 1957) pelos Padres Redentoristas do Convento de Campinas, houve maior desenvolvimento do rádio goiano, principalmente de caráter religio-

so. Os princípios fundamentais da emissora objetivavam a difusão da doutrina católica, ao propagarem a missão Redentorista em Goiás, como tem sido o propósito da igreja desde o século XIX.

Ao expandir suas funções, a Rádio Difusora de Goiânia abriu extensa e intensa programação musical e de cunho religioso e social, com o notável trabalho do radialista Darciso de Souza, um dos maiores e mais carismáticos locutores de Goiás. Bem humorado e cativante, iniciou sua carreira em 1971, com o programa “Difusora

nas ruas”, que alcançou os maiores índices de audiência. Conquistou o público, que o conhecia como “Barba”. De espírito crítico, Darciso de Souza veiculava as queixas da comunidade; veio a ser o vereador mais votado da capital do Estado. Entretanto, após três meses de atuação na Câmara Municipal de Goiânia, foi acometido de um AVC. A pertinaz enfermidade levou-o a vivenciar as dificuldades de um tratamento domiciliar, que se estenderia por mais de trinta anos.

Outros programas famosos da Rádio Difusora de Goiânia fo-

ram: “Difusora Saudade”, nos anos 1980; “No mourão da Porteira”, com o imbatível e famoso Claudino Silveira, e “Ciranda Simplesmente por amor”, apresentado por Ladislau do Couto.

Com o funcionamento da TV-Rádio Clube, depois TV Goiânia e, posteriormente, TV-Goiás, além do funcionamento da TV Anhanguera, em 24 de outubro de 1961, o rádio passou a ocupar uma posição de segundo plano. Mesmo assim surgiram a Rádio Jornal de Goiás, em 24 de Fevereiro de 1963 e a





Rádio Riviera de Goiânia, em 15 de novembro de 1967, além da “Rádio Independência de Goiânia”, em 1969, que garantiram a audiência principalmente no interior do Estado e na zona rural. Onde não havia chegado a magia da televisão, o rádio reinava absoluto.

Foram famosos os programas “Sociedade em Revista”, da Rádio Anhanguera, comandado por Selém Domingues, e “Ritmos da Juventude”, com José de Oliveira e Jota Junior. Destacaram-se nesse período os nomes de João Balbino, Arthur Rezende, Phaulo Gonçalves, Hely Mesquita (comentarista político), Baltazar de Castro e Maurício Kratcka.

Os cantores famosos do Rádio Goiano, nos anos 1960, foram, além de outros: Aparecida de Amorim (com o programa “Quando canta o coração” na Rádio Clube), Bernadete Ribeiro (conhecida por “Voz Carícia”, na Rádio Clube de Goiânia), Moacyr Silva (cantor revelação do ano de 1964), Geraldinho, Thelma Fernandes, Marquinhos, Maria Amélia, o conjunto “Garotas do Ritmo”, Eurípedes Norato, Edvaldo Leite, Silveira e Barrinha, Serafim Colombo, estes últimos, sertanejos.

Circulou em 1964 a Revista “Destaque TV Rádio Variedades”, sob a direção de Edson Nunes, com colaborações de Hely Mesquita, Sebastião de Ramos Jubé, Faremont Campos, Medeiros Neto, Castro Filho, Carlos Alberto e J.A. Cunha, com notícias do Rádio, concursos e cantores prediletos do público - como Wilson Simonal, Trio Esperança, Miltinho, Gregório Barrios, Isaura Garcia, Lúcio Cardim, Virgínia Lane, Angelita Martinez e os Golden Boys.

Hoje, o Rádio é eclético no sentido social, político, cultural. Nas faixas AM e FM são atendidos gostos e estilos variados. Ao estender-se por emissoras regionais, distribuídas por todos os rincões de Goiás e do Brasil, a despeito de a televisão e os recursos tecnológicos (como a internet e o celular) o terem colocado em posição de menor prestígio, o Rádio continua com força e aceitação.

Nesse registro histórico, buscou-se indicar à posteridade o louvável trabalho dos pioneiros do rádio. São personagens que jamais poderão ser esquecidas enquanto em qualquer lugar, no

recôndito sertão, existir um radi-nho ouvido no silêncio das velhas casas goianas, perdidas entre os chapadões e as serras. A melodia de uma dolente canção sertaneja lembrará sempre a garra daqueles que, num trabalho contínuo, constante e sem alarde, fizeram a alegria de muitas gerações.

Foi por meio do Rádio que as fronteiras se alargaram e que o Brasil se reconheceu dentro do seu imenso território, com todas as suas desigualdades e diferenças. Geograficamente, o Rádio alargou espaços e produziu conhecimento para que o brasileiro se encontrasse na sua identidade nacional.

Relegado hoje ao ostracismo pela diversidade de outras fontes de informação, comunicação e entretenimento, o Rádio merece o destaque e a lembrança pelo muito que representou na formação da unidade nacional, num tempo distante de um Brasil esquecido.

Lourdinha Maia e Eli Camargo, duas estrelas do nosso cancionista popular.



**Bento Alves Araújo Jayme Fleury Curado**, nasceu na cidade de Goiás (GO); é funcionário público e sobretudo Professor na Universidade Federal de Goiás,

*É graduado em Letras e Linguística (UFG) especialista em Literatura comparada (UFG) e mestre em literatura (UFG); Mestre e doutor em Geografia (UFG)*

*Escritor, poeta, conferencista e articulista cultural.*

*Atual Presidente da Academia Trindadense de Letras, membro do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás além de ser membro correspondente de várias Academias de Letras do Interior do Estado.*

*Publicou mais de uma dezena de livros (Contos, Crônicas, Poesias e Biografias)*

Com menos ou mais técnica, somos eternos críticos de tudo. A evolução das espécies nos guiou até o ápice e nos deu inteligência, característica que nos distingue dos demais seres vivos com quem coabitamos. E o que é a inteligência senão a capacidade de criticar? O ato de escolher, de judiciosamente discernir, de preferir um a outro é o alvo e o objetivo primordial dessa nossa qualidade ímpar. Somos juízes (e vítimas) das escolhas que fazemos e, por incrível que possa parecer, quase que invariavelmente não queremos errar. Foi para acertar mais nas nossas escolhas que surgiram o estudo e a cultura, em outras palavras, respectivamente, a investigação e a transmissão do conhecimento adquirido, ciclicamente. Nenhuma criança precisa se queimar para saber que não se deve brincar com fogo – lhe contaram antes. Por fim, o que são as regras de costumes senão experiências de sucesso repetido que resistiram ao tempo e se tornaram hábitos seculares?

Esses conceitos – de nossa inata característica crítica, da transmissibilidade do conhecimento e da formação das “regras” a partir de experiências de sucesso – são fundamentais para se entender o sentido da palavra “degustação”, tão essencial no mundo do vinho. O consumidor degusta para fazer uma melhor compra, o sommelier para indicar e selecionar, o vinicultor para aferir o resultado de sua produção, o crítico para avaliar... Sem degustação, nada disso existiria e, daí, qual a graça? Vinho é a pior das opções para quem quer beber simplesmente para se drogar: é caro, tem pouco álcool, é cheio de congêneres (leia-se ressaca das boas!)... Vinho é para se degustar – inebriar-se é um eventual efeito colateral.

Assim como não devemos ir de terno e gravata à praia, se quisermos melhor aproveitá-la, há certos conselhos (seculares, de sucesso consagrado, as ditas “regras”) que convém seguir se quisermos bem apreciar as qualidades e os defeitos de um vinho (ou seja, avaliá-lo o mais adequadamente possível). Muitas vezes temos a sensação genérica de que gostamos muito de um prato em um restaurante, ou nos

admiramos com uma bela peça de teatro ou um filme inesquecível, mas não conseguimos saber por que, não é? Isso certamente já deve ter acontecido com um determinado vinho também, certo?

Pois então: assim como o crítico de cinema cria uma metodologia para avaliar seus filmes (o roteiro é bom?; e a fotografia?; os atores interpretaram bem seus papéis?; a música é adequada?; e o trabalho de direção?), a degustação de um vinho nada mais é do que isso, um método sistematizado para avaliar a qualidade da bebida, de modo a evitar vieses subjetivos. Dessa forma, pode-se até não gostar de um determinado vinho, mas ainda assim reconhecer que, tecnicamente, ele é bom.

Se lhe convidassem para apreciar uma bela feijoada, você aceitaria experimentá-la fria? Ou uma famosa cerveja pilsen tcheca à temperatura ambiente de um setembro do cerrado? Que tal tentar uma sopa com garfo em um prato raso? Escolher as formas mais convenientes para apreciar as características de qualquer objeto de avaliação é fundamental para não se cometer equívocos. Com o vinho, então, bebida





complexa e cheia de nuances sensoriais a obediência a determinadas orientações gerais é absolutamente necessária para tornar a experiência degustatória mais agradável e completa. Vamos a elas!

**O AMBIENTE** – a sala de degustação deve ser “neutra”. É imperativo que seja livre de odores intrusos (portanto, salões de restaurantes impregnados com aromas da cozinha, fumaça de tabaco, perfumes fortes, detergentes ou desinfetantes, tinta etc. NÃO se prestam à finalidade). A iluminação deve ser forte e provir de lâmpadas brancas, que não interfiram na percepção da cor do vinho, mesma razão pela qual os forros das mesas também devem ser brancos. A mesma linha de “neutralidade” se aplica aos degustadores: sem perfumes no corpo, sem paladares fortes à boca (chocolate, tabaco etc.).

**AS TAÇAS** – esqueça aquelas taças coloridas e cheias de rococó que sua tia-madrinha-avó lhe deu como presente de bodas! Não se admite, em hipótese alguma, nem sozinho e trancado no banheiro de sua casa, que se sorva sequer um gole (imaginem degustar!!) de um vinho sem que a taça seja absolutamente transparente (bem, acho que fui enfático o suficiente, não?). Em ordem decrescente de importância (mas todas relevantes), as taças devem: ter o bojo maior que a boca (para evitar a dissipação dos aromas); ter o pé (haste) alta (para afastar o calor da mão da bebida); ser de paredes finas – cristal (para facilitar a percepção de temperatura). Atenção: deve-se trocar a taça para cada vinho servido ou, na pior das hipóteses, lavá-la. O enxágue deve ser abundante (resquícios de detergente afetam o visual e o olfato da bebida). Há vários formatos de taças, cada uma para um determinado tipo de vinho; mas, excetuando-se os espumantes (que devem ser bebidos em uma

flute), qualquer taça que siga essas regras gerais vai possibilitar uma degustação decente para a grande maioria dos vinhos.

**A TEMPERATURA DE SERVIÇO** – cada tipo de vinho deve ser servido a uma determinada temperatura a fim de ressaltar suas qualidades e não enfatizar percepções desagradáveis. Dois princípios básicos: temperaturas mais baixas tornam excessiva a percepção aromática do álcool; e temperaturas quentes fazem com que as bebidas mais doces se tornem enjoativas.

**ORDEM DE SERVIÇO** – em geral, devem ser servidos primeiro os vinhos brancos (depois os tintos); os novos (depois os rótulos mais velhos); os secos (depois os doces); e os menos alcoólicos (antes dos mais alcoólicos). É claro que nada disso é absoluto – por exemplo: se tem-se uma só garrafa de um vinho nobre e de safra antiga, quem, em sã consciência, irá servi-lo depois que todos já tiverem se embriagado de exemplares medíocres?

**ARMAZENAMENTO** – garrafas de vinho devem ser armazenadas em ambientes com temperatura constante (10 a 15 C), sem vibrações, com luz fraca e sempre na posição deitada (para que se mantenha a rolha umidificada). Ideal: adegas climatizadas, construídas em casa ou como eletrodomésticos adquiridas em casas especializadas.

**DECANTAÇÃO** - resista à gafe “charmosa” da decantação a todo custo. Só dois tipos de vinhos devem ser decantados: os muito tânicos, que se tornam menos agressivos e se beneficiam de uma maior superfície de contato com o ar; e os de guarda, que depositam borras no fundo da garrafa e que, então, devem ser cuidadosamente transferidos para um decanter. O resto é firula!



**Breno de Faria,**

*Sommelier Profissional pela Associação Brasileira de Sommelier (ABS); Sommelier Certificado pela Wine and Spirits Education Trust (WSET) – Inglaterra – Nível Avançado; Crítico gastronômico do jornal O Popular (autor da coluna Pela Boca® / Prato do Dia) e da rádio CBN Goiânia (programa Boca e Baco®); Diretor da ABS – Goiás; Professor de Pediatria da Universidade Federal de Goiás (UFG); Médico Reumatologista e Pediatra; Mestre em Medicina pelo IPTE-SP; Presidente da Unimed Goiânia.*

\* Excerto do livro "RELAÇÕES (narrativas), impresso pela Editora UCG, 1993, 2.ed., (p.73-81).

– Eu lembro dele desde que eu era pequeno. Ele já era louco. Ele era forte, andava barbudo porque não tinha condição de fazer barba nem nada, o cabelo também era grande. Ele fazia a barba e o cabelo ele cortava era com fogo. Ele ia pondo, encostando um tição de fogo assim, ao redor do rosto e queimava a barba e o cabelo. Cortava custa de fogo. De quando em quando a gente via ele, ele estava bem tostado, a barba e o cabelo cortados à custa de fogo. Mas ele não era furioso não, quer dizer, era mais no início, quando ele ficou doido. Depois, não, ele conhecia as pessoas, conhecia a família, os filhos dele. Ele tinha raiva de certas pessoas. Quando ele implicava com uma pessoa, não gostava, ele implicava com uma pessoa então gostava daquela pessoa. Ele não era altão não, uma altura boa, era magro; magro, mas forte. Não passava fome não. Todo mundo dava alguma coisa para ele. Mas tinha que ser em vasilha ruim, porque ele amassava, naquele tempo não tinha prato, ninguém usava prato de louça, era prato esmaltado que as pessoas usavam, ele jogava tudo fora, o garfo para um lado, o prato para o outro. E botava fogo na roupa também, eu lembro quando ele chegava na casa da mamãe, que ele ia muito lá, saía um dia, voltava, ficava dois dias,

saía de novo, minha mãe dava um cobertor velho pra ele, tinha que ser velho, que quando ele estava com frio ele tocava fogo em tudo o que ele achasse. A roupa também ele usava até acabar, só trocava quando acabava aquela roupa, e aí alguém dava outra roupa e ele usava. Mas não passava frio não. Ele fazia um fogo, acendia fogo até debaixo de chuva, pois ele deitava assim por cima, dobrava o corpo assim, e acendia o fogo. Às vezes ele molhava tudo, acabava de amanhecer o dia todo molhado aí não dava conta de fazer fogo porque a chuva não deixava mesmo, era forte. Mas quando era fina, ele não passava frio não. Ele era doido de tudo. Para ganhar comida na casa dos outros, ele chegava e pedia um machado pra rachar lenha. Se ele visse assim aquele monte de lenha, porque, naquela época, eles pegavam o carro de lenha e despejavam nas portas das casas, então iam rachando aquela lenha e jogando pra dentro do quintal; quando ele via aquele monte de lenha jogada na porta de uma casa, ele pegava e chegava na porta da casa e pedia, cadê um machado, fio, ele chamava todo mundo de fio, cadê um machado, fio, pra rachar lenha? Se não davam, ele ficava furioso. Quando davam o machado pra ele, ele cortava carros de lenha, picava tudo, enquanto não acabava.

Ele tinha sido, ele era muito trabalhador, e muito forte, tinha muita força. Aí ele pedia comida e comia naquela casa. Mas não era pra ganhar nada não que ele rachava lenha. Se dessem um prato de comida pra ele depois, bem, se não dessem, também ele não importava não. Mas ele pedia quando ele estava com fome, ele pedia um prato de comida. Em qualquer casa, não precisava de ter lenha pra rachar mas se não dessem, ele, às vezes, ficava furioso. O pai dele é que fez doação de parte de terra pra construir a igreja. O pai dele era rico. Naquele tempo quem tinha terra era rico, veja que ele deu aquele tanto de terra pra igreja e ainda ficou com fazenda lá em volta. É porque tinha dinheiro, tinha fazenda. Meu avô era dos filhos mais velhos. Quando o pai dele morreu, ele já era doido. Mas, antes disso, ele já tinha fazenda dele mesmo, porque ele era lutador, como já disse, trabalhava e já tinha comprado um pedaço de terra. Trabalhava na fazenda, plantava, criava porco, tinha o gadinho dele. Isso é o que eu sei. Depois, ele ficou doido. Ele não era furioso não. Andava pra todo lado, só ficava com raiva quando mexiam com ele, porque o povo, quando ele aparecia, dizia, olha o doido, aí ele ficava bravo e ameaçava com o pau que ele carregava. Se não, não tinha





problema, ele ia pra qualquer lugar. Ia pras vendas, pedia pinga, ele gostava de uma pinga, eles davam pinga pra ele. Também gostava de fumar, demais. Ele cortava a palha e o fumo com a unha. Ele pedia, me dá um fumo, fio, eles davam e ele picava a palha e o fumo com a unha. A unha dele, desse dedo, era grande. Ele não tinha canivete, porque não podia dar arma pra ele, pra evitar qualquer coisa, ele não podia carregar arma. A arma dele era esse pau que ele carregava. Ele gostava era da minha mãe. A única casa em que ele ficava era lá na casa da mamãe; porque ela tratava ele bem, dava comida pra ele, arrumava tudo. Sempre

ele estava lá na casa da mamãe. Mas era muito difícil zelar dele. Ele não ficava lá dentro de casa não, de ninguém. Ele não entrava dentro de casa, ficava de fora. Se arranjassem uma cama dentro de casa, ele virava tudo de perna pro ar, jogava os cobertores por cima das paredes, nos outros quartos, porque naquele tempo não tinha forro, não é? Então ele tinha que ficar no quintal. Lá em casa ele ficava na garagem do caminhão, meu pai sempre teve um caminhão, era lá que ele dormia. Às vezes, ele entrava no quintal de uma casa qualquer, punha fogo, eles vinham chamar a gente, vinham reclamar, a gente ia lá apagar o fogo. Um

dia ele entrou numa casa onde tinha um depósito de madeira e o dono tinha viajado, nem sei pra onde, e ele entrou e puxou aquelas vigotas serradas lá do depósito e fez aquele fogo. Ele amontoou uma porção de vigotas. A cerca da casa era de arame com bambu. Ele tinha quebrado umas cinco ou seis tabocas daquelas, passou pelo buraco e entrou. A mulher do dono do depósito falou com ele, ele gritou, porque ele ameaçava. Se a pessoa não reagisse, não acontecia nada. Mas eles ficaram com medo dele. Então a mulher mandou o filho dela lá em casa, ele era pequeno, avisar que o vovô tinha entrado lá e posto fogo na madeira. Minha mãe me disse assim, vai lá para apagar o fogo. Quando acontecia isso, a gente entrava na casa, ia até a cisterna, pegava e jogava água. Quando eu cheguei lá, a cisterna era perto da porta do fundo da casa, ele estava lá, o fogo lá bem na frente, no depósito, ele agachado perto. Eu cheguei, pedi um balde d'água pra levar. A mulher disse, não vai lá não que ele está bravo. Eu disse, não, não tem perigo nada não. Passei a mão no balde d'água e fui, eu era menino nesse tempo, quando eu cheguei perto, fui chegando e ele disse, não apaga o fogo não, fio, que está fazendo frio. Eu falei, aqui não pode por fogo não, vovô, isso é madeira de vender, aqui não pode fazer fogo não. Fui jogando a água, ele levantou, passou a mão no pedaço de pau, passou pelo buraco e foi embora. Ele conhecia a família. Não fazia nada não, só se mexessem com ele, mesmo assim, só ameaçava.

– Eu me lembro dele sim. Todo mundo tinha medo dele. Ele era temido, pois era muito forte. Ele era capaz de rachar um carro de boi cheio de lenha, sozinho, sem descansar. Ele era engraçado, se a gente se esquecia do medo. Ele se aproximava das pessoas com a mão no rosto, tapando o rosto, os dedos entreabertos, a cabeça meio baixa, olhando por entre os dedos. Ele chamava todo mundo de filho. Ele dizia assim, filho, me dá um golinho de café, não tem um gole de café não, filho? Alguns corriam, fechavam as portas. Tinham medo dele. Ele ameaçava as pessoas, mas não sei de nenhum caso em que ele tenha feito qualquer coisa contra uma pessoa qualquer. Mulheres e meninos é que tinham medo dele. Ele andava muito, gostava de beber, fumar e contar casos. Se ele achasse quem quisesse conversar, ele passava horas conversando. Só que ele misturava as coisas depois de um certo tempo. Quer dizer, ele começava muito bem, lembrando-se de pessoas e fatos, contando tudo de forma correta. Depois ele baralhava os fatos, dizia que havia cabras andando por cima da casa dele, que o carro de boi havia passado por dentro do peito dele, enfim, depois de um certo tempo, ele já não era capaz de se lembrar das coisas. Ele voltava ao seu estado de demência e não coordenava as ideias. Eu me lembro de tê-lo ouvido contar a história do primeiro carro que chegou na cidade. Não posso garantir se é verdade, mas era assim que ele contava: um dia,

eles estavam na casa dele ou de um irmão dele, quando ouviram um barulho que vinha de longe, um barulho estranho, um barulho que eles não conheciam, não sabiam de onde vinha. Mas notavam que o barulho se aproximava, que estava cada vez mais perto. Eles todos ficaram com muito medo e resolveram fugir dali, sair de casa, já que o barulho vinha em direção à casa. Eles pegaram as crianças no colo e saíram correndo pelos fundos, a estrada passava bem pela porta da casa, esses saíram pelos fundos, com as crianças, correndo. Perto de um córrego pararam. Ai é que viram que um automóvel estava chegando pela estrada para carros de boi. Não me lembro direito, mas acho que o irmão dele, só então, notou que estava segurando o cachorro, não uma das crianças, desde que tinham saído correndo com medo do carro, do barulho do carro.

– Meu pai começou a ficar doido quando pegou fogo na nossa casa. Perto da nossa casa, que a casa era no fundo do terreno da fazenda, assim na divisa de uma outra, o dono dessa outra fazenda tocou fogo na roça dele, acho que é porque ele já tinha feito a colheita, então o fogo pulou pra nossa casa. Deu aquele vento e o fogo foi pra casa. Meu pai tentou apagar o fogo, salvar o carro de boi, ele até andou queimando um pouco. Dessa época em diante, ele começou a ficar doido. Dizem que foi assim que começou, porque eu pequena, eu era a filha mais nova. Começou a loucura

dele assim, ele dizia que tinha gente querendo matar ele, que tinha cabrito andando em cima da casa, que um carro de boi andava por dentro dele, quer dizer, que atravessava por dentro dele. Ele também passou a ter ciúme da minha mãe, queria matar minha mãe e, então, minha mãe precisou fugir com a gente, nós éramos tudo pequeno. Não eu, que eu não tinha nascido, mas meus irmãos, irmãs, sua avó. Depois ele melhorou. Melhorou, voltou a viver com ela normalmente. Foi ai que ela teve a última filha, que era eu. Ele teve uma crise primeiro, depois ficou bom, eu nasci. Ele já estava na fase da loucura, porque ele melhorou mas voltou a ficar louco. Quando ele voltou a ficar louco, aí minha mãe saiu de casa, porque não tinha mais recurso. Ela saiu e largou a casa lá. Eles eram casados só no padre, não tinha casamento no civil não. Naquela época, não tinha importância casar no civil não, casavam só na igreja. Ai a família dele, que era os irmãos dele, a irmã, dizia: não, ele tem que tratar, precisa levar pra uma cidade grande. Eu sei que venderam um pouco das coisas dele e levaram ele para tratar. Mas acho que nem acabaram de chegar lá, voltaram, do caminho voltaram. Foram até não sei onde e acabaram com esse dinheiro, voltaram, e chegou aí e os irmãos dele ficaram com o resto, um irmão dele ficou com o resto das coisas, o irmão mais novo dele. Minha mãe não podia fazer nada mesmo, eles não eram casados no civil, não tinha os papéis. Mas eles disseram que era



pra tomar conta dele, eles falam assim. Foi como estou contando, quer dizer, não tomaram as coisas dele, porque meu pai saiu pelo mundo e, aí, começou a andar. Assim, no início, ele ficou preso. O irmão dele fez uma casinha lá na fazenda dele e ele ficou naquela casinha. Depois ele ficou manso, não atacava ninguém, aí eles soltavam ele. Mas, antes, ele não podia ficar solto não. Tinha vez que era preciso prender ele. Ele já estava ficando velho. Uma vez, ele estava preso, ele fugiu, escapuliu; bom, um belo dia ele escapuliu e correu, mas era à noite, e ele caiu num valo. Nele cair num valo, ele quebrou a perna, e como ele sofria de hemorróida, aquilo deu bicho, o bicho pegou na perna dele. Quando eles acharam ele, aquilo já estava, a ferida na perna, tudo cheio de bicho. Por causa de doer aquilo, ele encolheu a perna e cicatrizou a perna dele aqui, encolhida. Então ele passou a não andar mais, ele ficou aleijado. Já não fugia porque não dava conta de andar. Os bens dele já tinham acabado há muitos anos. Esses bens dele

são de quando minha mãe era viva, sua avó, meus outros irmãos, eu, nós éramos tudo menino pequeno. Aí foi quando os bens dele desapareceram. Eu não sei direitinho não, eu lembro da minha mãe contar, que eu era pequena, sua avó nem tinha casado ainda, o irmão dele é que desculpou assim, que ia vender a casa e a fazenda dele pra tomar conta dele. Mas não tomou conta nada não, meu pai ficou foi andando no mundo. Ia pra todo lado. Ia pra uma cidade, voltava, ia naquelas fazendas todas, cortando lenha para os outros, levando essa vida, até ficar velho. Aí aconteceu isso de quebrar a perna e ele não andou mais. Foi aí que meu tio, o irmão dele, procurou um dos meus irmãos, pois era filho dele, não é? pra ajudar a tomar conta dele. Meu irmão disse que não, quem comeu a carne rói o osso, que eles tinham ficado com as coisas dele, não é? Desde essa época ele ficou lá na fazenda do irmão dele. Quando esse irmão dele morreu, o filho dele trouxe ele para a cidade, construiu aquela casinha no fundo

do quintal da casa, e ele viveu lá até morrer. Ele morreu com oitenta e dois anos. Ele foi louco cinquenta e dois anos. Quando ele ficou louco da primeira vez, ele tinha vinte e oito anos. Depois, quando ele estava com trinta anos, aí eu já tinha nascido, ele ficou doido de vez, até a morte dele. Isso foi há muito tempo. Olha, ele morreu uns cinco anos antes da minha irmã, sua avó. Se ele ficou doido por cinquenta e dois anos, ele deve ter adoecido mais ou menos em mil novecentos e nove, mil novecentos e dez. Eu não lembro nada dessa época, lembro é de quando eu já estava maior, no tempo que ele ainda andava por todo lado. Nossa cidade era pequena demais naquele tempo, só tinha a rua de cima e a rua de baixo, comprida, cortando as outras. Pra quem saísse da cidade e olhasse pra trás, achava que a cidade era uma cruz, assim, depois que descia a rua do centro até o córrego, e depois subisse do outro lado, ali onde ficava uma touceira de bananeiras.



**Heleno Godoy**, Doutor em Letras pela USP-SP, Professor Titular aposentado de Literatura Inglesa na Faculdade de Letras da UFG (1991-2015),

*foi Professor Adjunto do Departamento de Letras da PUC-GO (1976-2008). Estreou com Os veículos, em 1968, em seguida publicando o romance As lesmas (1969). Tem dois livros de ensaios publicados, além de três livros de contos (Relações, O amante de Londres, A feia da tarde e outros contos) e dez de poesia, reunidos em Inventário – poesia reunida, inéditos e dispersos (1963-2015), de 2015.*

# AS LIVRARIAS (DE OUTRORA) E OS ESCRITORES

*Hélio Moreira, Aidenor Aires e Eurico Barbosa*

Dia destes, conversando com os amigos escritores Aidenor Aires e Eurico Barbosa, durante um dos almoços culturais que promovemos com certa regularidade, perguntei-lhes se chegaram a frequentar a famosa livraria Bazar Oió. Diante da resposta positiva de ambos, iniciamos uma discussão a respeito do tema: livrarias e escritores.

Eurico lembra que no final do século XIX, início do XX, as livrarias eram o lugar de encontro dos intelectuais, principalmente para os que viviam no Rio de Janeiro. Na rua do Ouvidor localizavam-se as mais importantes da época, destacando-se, dentre elas, a famosa Garnier, fundada pelos irmãos franceses desse nome.

Essa livraria era a preferida de Machado de Assis, que ali promovia “rodas de leituras” e debates com a participação de escritores, como Olavo Bilac, Emilio de Menezes e muitos outros. Na década de 1930 surgiu a Livraria José Olympio, com as mesmas características: ponto de encontro de escritores. Pela mesma época, atalha Aidenor Aires, os cafés e as confeitarias, como o Café Lamas e a Confeitaria Colombo também atraíam os intelectuais, principalmente escritores como Ruy Barbosa, João do Rio e os já citados Machado de Assis, Olavo Bilac e Emilio de Menezes, quando eram discutidos assuntos culturais de permeio com os quitutes e vinhos.

Voltamos a focar a discussão no papel cultural desempenhado pelo Bazar Oió aqui em Goiânia, uti-

lizando-nos de dados inseridos no livro Bazar Oió - A ditadura contra a livraria (Goiânia, 2009) de autoria da jornalista Lucia Tormin, neta do antigo proprietário daquela livraria, Olavo Tormin. Além de nossas próprias reminiscências, as quais afloraram a partir da discussão que encetávamos.

Eurico e Aidenor ainda se lembram do Bazar em seu primeiro endereço, na Av. Anhanguera, esquina com a Rua 6, local muito acanhado. Aduzimos que, quando chegamos a Goiânia (década de 1960), a livraria já funcionava na Av. Goiás em um grande espaço, adrede planejado pelo proprietário, com projeto do seu cunhado, o arquiteto Manduquinha, como afiança a autora do livro acima referido.

Salientamos o três, em uníssima voz, que o Bazar Oió cumpriu um papel extraordinário na projeção da cultura goiana daquela época. O Sr. Olavo Tormin era um livreiro à frente do seu tempo. Praticamente todos os lançamentos de livros em Goiânia eram feitos no Bazar Oió, transformando-se em acontecimentos sociais da cidade, com grande afluxo de público e, quase sempre, com a presença de figuras do mundo político. Um dos momentos que merece ser lembrado foi o discurso pronunciado pelo nosso confrade da Academia Goiana de Letras, o escritor Miguel Jorge, na oportunidade representando o GEN (Grupo de Escritores Novos), quando do lançamento do primeiro livro de Cora Coralina: Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais.



*Livraria Garnier - Rio de Janeiro*



*Livraria José Olympio - Rio de Janeiro*



Esse grupo de jovens escritores goianos reunia-se com frequência nas dependências do Bazar OiÓ para discutirem literatura, graças ao incentivo que recebiam de Olavo Tormin. Aliás, esse mecenas da cultura promovia, também, exposições de pintura e escultura, como as de Maria Guilhermina, Octo Marques, Siron Franco e Frei Confaloni. Muitas pessoas envolvidas com a literatura frequentavam as dependências da sua livraria, principalmente nos finais de tarde, para encontrarem amigos e discutirem assuntos culturais, quase sempre com a participação do livreiro Olavo Tormin.

Um acontecimento que não poderá ser esquecido foi a visita de Luiz Carlos Prestes a Goiânia, em período anterior ao golpe militar de 1964, com direito a visita ao Bazar OiÓ. A documentação fotográfica do evento está inserida no livro da jornalista Lucia Tormin. Como acontecia da com os livres pensadores da época, a visita trouxe consequências danosas para o livreiro, pois a época era de “caça às bruxas”, patrocinada pelos governos militares. Olavo Tormin foi perseguido, foi preso e não resistiu à pressão econômica; sua livraria que movimentou as cabeças pensantes de Goiás por tantos anos sucumbiu frente ao obscurantismo.

Gostaríamos de registrar outra consequência, que parece inacreditável, da visita de Luiz Carlos Prestes ao Bazar OiÓ. Nosso grande amigo Dr. Joffre Marcondes de Rezende contou-nos esta passagem que, acredito, não seja do conhecimento de muita gente. Em suas palavras - “Dentre as fotografias que foram feitas naquela oportunidade, uma delas mostrava, com muita clareza, Carlos Prestes folheando a nossa *Revista Goiana de Medicina*. Provavelmente algum médico ali presente resolveu mostrar-lhe a produção científica da medicina goiana, naquela época muito envolvida com a Doença de Chagas. Após o golpe militar de 1964, fui chamado a depor, na qualidade de Editor daquela revista, para explicar o interesse daquele comunista por nossa Revista”.

Dá vontade de repetir a expressão tão popular entre nós goianos: - Tem base?

Falamos ainda sobre a Livraria Cultura Goiana, de propriedade de Paulo Araujo. Inicialmente estava localizada na Rua 7, pouco acima do famoso Café Central. O espaço era frequentado por escritores, pintores

e escultores de Goiás, para discutirem o que todos nós que estamos envolvidos com a cultura discutimos: literatura e artes plásticas. Com o tempo, nós, os frequentadores, passamos a ser conhecidos e chamados pelo nome.

- Como aconteceu conosco - diz H. Moreira, pois nos tornamos conhecidos do proprietário e, principalmente, de alguns funcionários (as). - Como aconteceu conosco, diz H. Moreira, pois nos tornamos conhecidos do proprietário e, principalmente, de alguns funcionários (as). Uma delas, a Sra. Márcia (onde andará?) costumava nos telefonar sempre que chegava alguma novidade livresca; muitas vezes, mandava entregar um exemplar em nossa clínica, explicando que “Se o senhor não quiser, pode devolver”. Ela sabia que dificilmente isto acontecia!

Depois, com o objetivo de ampliar o espaço para caber tantos livros - mais de 60.000 exemplares, sendo quase 9.000 de autores goianos -, Paulo Araújo mudou a livraria para a Avenida Araguaia, local onde nós o visitávamos com alguma frequência. Para alcançarmos seu escritório e falarmos sobre literatura, subíamos uma escada de muitos degraus e em cada



Capa do livro “Bazar OiÓ” onde aparece o interior da livraria

um desses degraus, estava desenhado o nome de um escritor, pintor ou escultor goiano. Em uma dessas oportunidades, nós o consultamos sobre a possibilidade de ele distribuir nossos livros; após ouvir o contexto de um deles, ele nos disse, animando-nos: "Acho que você irá longe na literatura, pode trazer alguns exemplares para testarmos seu prestígio".

Infelizmente os negócios não iam bem; vender ilusões não é fácil. A Livraria Cultura Goiana fechou as portas em 2008 em entrevista a um jornal da capital o livreiro disse, amargurado: - "A parte mais dolorosa foi baixar as portas e olhar para os livros sem saber o que fazer com eles".

Paulo faleceu pouco tempo depois daquele nosso encontro. Naquela época, estávamos na presidência da Academia Goiana de Letras e tentamos conseguir patrocínio governamental para adquirir o acervo de livros de autores goianos que nos fora ofertado pelo seu filho, Paulo Junior. Fomos ao sepultamento do nosso amigo e ali, ao discursar em sua homenagem, dissemos ter conseguido o patrocínio do governador, pelo que acreditávamos que aquele acervo maravilhoso não iria sair de Goiânia, para o bem da nossa cultura. Infelizmente o governo não cumpriu o que prometera!

Transcrevemos um pequeno trecho de um texto que Aidenor Aires escreveu em homenagem ao livreiro, em 2009:

O fechamento da Livraria Cultura Goiana de Paulo Araújo é um desses golpes. Paulo sentou praça na Feira Hippie, quando era na Praça Cívica e ainda ingênua miscelânea de arte e artesanato. Armava barraca aos domingos, espalhava livros em bancadas improvisadas. Os escritores e fregueses iam chegando, tomando cafezinho, atualizando as conversas, conferindo os lançamentos. Depois seguiam para o almoço levando um livro sob o braço, sempre autografado, se de autor goiano. Paulo expandiu os negócios, chegou a ter várias lojas. Investiu nos autores locais.

A discussão prolongou-se, naquela oportunidade, muito mais do que esperávamos, porém faltava, por insistência do Eurico Barbosa, nem que fosse para al-

gumas rápidas "pinceladas" e voltarmos à discussão sobre algumas outras famosas livrarias, situadas em outros estados da federação, assim como em outros países. Resolvemos, de comum acordo, que discutiríamos uma livraria do exterior e outra de São Paulo.

Aidenor Aires voltou a lembrar um assunto recorrente em nossos almoços-encontros culturais: a efervescência cultural de Paris nos anos de 1920-30, quando aquela cidade era considerada a Meca da cultura no mundo.

Falamos sobre a presença de incontável número de escritores, inclusive alguns brasileiros, que para ali afluíam; e especialmente, sobre os norte-americanos, atraídos pela magia da cidade. Muitos deles tornaram-se ícones da literatura mundial, tais como Ernest Hemingway, Scott Fitzgerald, Sherwood Anderson, T. S. Eliot, Ezra Pound, Gertrudes Stein, James Joyce, dentre tantos outros.

Alguns de seus pontos de encontros situavam-se no lado esquerdo do Rio Sena, a Rive Gauche.

H. Moreira traz à baila, para discussão, a livraria Shakespeare and Company, provavelmente o local preferido para encontros dos escritores da época, tanto estrangeiros como franceses. A história dessa livraria é fascinante, assinalamos todos: remonta ao ano de 1919, mais precisamente ao mês de novembro, quando a norte-americana Sylvia Beach resolve abrir na rue Dupuytren, imediações da St. Germain-des Prés, um "bookshop" para venda de livros impressos no idioma inglês. A livraria apresentava uma inovação: os livros poderiam ser, também, emprestados mediante o pagamento de uma taxa mensal.

Posteriormente (1921), a livraria foi mudada para a rue L'Odéon, bem em frente à Maison des Amis des Livres (da francesa Adrienne Monnier), que ali já funcionava desde 1915.

A livraria Shakespeare and Company passou a ser, desde seu começo, ponto de encontro daquela plêiade de escritores americanos que citei acima, assim como de alguns outros que não pertenciam àquele grupo, como o irlandês James Joyce, os franceses André Gide, Aragon e Breton, o alemão Walter Benjamin e muitos outros.

No interior de sua livraria Sylvia Beach promovia saraus e encontros literários, aproximava os escritores americanos dos franceses (Scott Fitzgerald de



André Chamson), americanos dos irlandeses (Eugéne Jolas de James Joyce); aliás, esta aproximação possibilitou que Eugéne Jolas tivesse uma grande participação, como incentivador e crítico, no livro que Joyce escrevia na época em que se conheceram - "Finnegans Wake". Neste livro, Joyce fazia uma experimentação literária : escrevia em inglês em fusão com outras palavras de outros idiomas.

Joyce, como informam seus biógrafos, era uma figura praticamente inacessível, seria incapaz de compartilhar a sua mesa de café com desconhecidos e iniciar um diálogo ou talvez uma aproximação literária . O ambiente da Shakespeare and Company, principalmente pela presença de Sylvia, possibilitou que ele conhecesse outras pessoas interessantes e se tornasse conhecido em Paris.

É preciso que se reconheça, também, o tirocínio comercial de Sylvia. Quando James Joyce ainda era desconhecido pelo mundo literário, ela acreditou no seu trabalho e conseguiu publicar, pela primeira vez em inglês, o monumental "Ulysses" que se tornaria um dos mais famosos livros da literatura mundial.

Em um dos seus livros, Hemingway conta que Sylvia, na primeira vez que se encontraram, autorizou-o a levar livros, na forma de empréstimos. Como não tivesse dinheiro para pagar a taxa que estava estipulada, ela nada lhe cobrou. Em seu livro "Paris é uma Festa", Hemingway traça com muita simpatia e ternura o perfil da Shakespeare and Company: "Ali era um lugar acolhedor e alegre, com um grande fogão aceso no inverno, mesas e estantes de livros, novidades na vitrina e, nas paredes, fotografias de famosos escritores vivos e mortos".

Descobri o antigo endereço da Shakespeare and Company (rue L'Odeon), há alguns anos quando andava com Marília, minha mulher, pelo Boulevard Saint Germain, imitando um "flaneur" (caminhar por diversão). Sabíamos que a rue L'Odeon deveria estar naquelas imediações, dobramos à esquerda e entramos na rua procurada; hoje, não mais existe aquela livraria, sendo substituída por uma lavanderia. Fizemos várias fotografias do local.

Para encerrar o encontro cultural daquele dia, H. Moreira relembra um antigo "sebo" chamado Ornabi, localizado à rua Benjamim Constant, no centro de São Paulo. Seu proprietário, Sr. Luiz, era um português

que, fugindo da 2ª. guerra mundial, veio muito jovem para São Paulo, onde começou a trabalhar com livros em uma livraria localizada nas imediações da Praça da Sé, em 1945 abriu a sua própria livraria-sebo, a Ornabi, que nos anos de 1960-1980 tornou-se o maior sebo do Brasil, com cerca de 400.000 livros.

Conheci o Sr. Luis, continua H. Moreira, na década de 1980, por intermédio do meu médico e meu compadre Dr. Joffre Marcondes de Rezende, que era freguês daquele sebo, na sua procura incessante por dicionários antigos da língua portuguesa. Voltei incontável número de vezes à Ornabi e sempre o Sr. Luis estava presente, rodeado por vários "garimpeiros de sebo", com os quais eu sempre, capitaneado pelo Sr. Luis, abríamos discussões. Como não poderia ser diferente, falávamos sobre livros e, nestas oportunidades, o dono da livraria sempre tinha uma novidade para mostrar: "Adquiri este exemplar sobre Camões, impresso em Portugal no começo do século passado"; "A família de um médico que faleceu recentemente está interessada em vender o acervo da sua biblioteca; acreditem, tem livros raros, se tiverem interesse, posso aproximá-los dos proprietários". A conversa era animada e o tempo passava sem que me apercebesse.

Em uma oportunidade ele me telefonou: - Dr. Hélio, estou pensando em fechar a livraria e voltar para Portugal, gostaria de consultá-lo, em primeiro lugar, se o senhor não se interessaria por um "gabinete de livros da literatura portuguesa", é uma coleção muito grande e sobretudo preciosa e não gostaria de dividi-la. Pensei no senhor em primeiro lugar, antes de consultar outros fregueses. A discussão foi rápida; o Sr. Luis informou o preço -"Sem pechincha!", disse ele-



Luiz Carlos Prestes, no interior da livraria OiÓ, folheando a revista goiana de medicina e ao seu lado aparece o livreiro Olavo Tormin

com seu sotaque carregado da língua lusitana. Acertamos a maneira de efetuar o pagamento: “ O senhor só mandará o dinheiro depois de examinar os livros!”.

Alguns dias depois recebi vários caixotes de livros. Confesso-lhes que fiquei emocionado ao abri-los – inacreditável coleção de livros da literatura portuguesa; e, junto, um bilhete do próprio punho – “Dr. Hélio, de tanto comprar acervos de quem já morreu, estou lhe passando meu próprio acervo que adquiri aos poucos; envio-lhe, também, uma coleção completa dos livros de Humberto de Campos, não sei porquê, porém, sempre achei que o senhor fosse espírita, portanto...”

Desocupeí duas estantes, cataloguei os livros e levei-os para a Casa Amarela de Livros (extensão da minha biblioteca na Santa Tereza). Ao conjunto dei o

nome de “ Coleção Sr. Luis da Ornabi”. Sou orgulhoso e principalmente ciumento desta coleção, que inclui as obras completas de Alexandre Herculano, Camilo Castelo Branco, João Grave, Julio Diniz, Eça de Queiroz, Ferreira de Castro, Ramalho Ortigão, Fialho de Almeida, Julio Dantas, Guerra Junqueiro, Almeida Garrett, Julio Dantas, Oliveira Martins, Antero de Figueiredo, Padre Vieira e uma edição das Lusíadas, impressa em Portugal em 1927.

Recentemente, vi na Internet um filme-documentário produzido pelo cineasta Camilo Cassoli sobre a livraria Ornabi; vale a pena assisti-lo no endereço eletrônico: [www.timbro.com.br](http://www.timbro.com.br)

O Sr. Luis faleceu em Lisboa em 2011, aos 92 anos de idade; segundo relato da sua filha ele “morreu dormindo”, provavelmente estava sonhando com livros.



### **Aidenor Aires**

*Nasceu em Riachão das Neves (BA) e reside em Goiânia desde o tempo da infância, onde fez todos os seus estudos, culminando com o Bacharelado em Letras Vernáculas e em Direito pela PUC. Promotor de Justiça (Aposentado).*

*É figura exponencial da cultura goiana, como escritor e humanista, respeitado como poeta, prosador, pesquisador, animador cultural e grande orador; estudioso da história e dos problemas da América Latina, mantendo permanente intercâmbio com intelectuais do Chile, Peru e Argentina.*

*Publicou mais de 30 livros (poesia e prosa) e é cronista em jornal de grande circulação em Goiânia.*

### **Hélio Moreira**

*Nasceu em Alfenas (MG), cidadão Goianiense e Goiano (Câmara Municipal de Goiânia e Assembleia Legislativa do Estado de Goiás.)*

*Professor aposentado (Emérito) da Faculdade de Medicina (UFG). Membro da Academia Goiana de Medicina.*

*Membro da Academia Goiana de Letras (foi seu Presidente) e do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás (atual Vice-Presidente) e da União Brasileiro de Escritores - Goiás*

*Atual Presidente do Instituto Cultural Sicoob Unicentro Brasileira*

*Publicou cinco livros versando sobre medicina e outros oito relativos à área cultural (romance-histórico, livro de memórias e crônicas)*

### **Eurico Barbosa**

*Nasceu na cidade de Morrinhos, fez seus estudos iniciais na sua cidade natal, tendo ocupado os seguintes cargos políticos: Vereador de Morrinhos, Deputado Estadual por 4 mandatos, tendo sido seu presidente. Foi membro do Conselho do Tribunal de Contas do Estado e foi seu Presidente.*

*Foi o fundador da Associação dos cronistas esportivos do E. de Goiás; Membro da UBE-Goiás; Associação Goiana de Imprensa e da Academia Goiana de Letras, da qual foi seu presidente.*

*Publicou mais de 15 livros, destacando-se, dentre eles - Pedro Ludovico, a mudança revolucionária, Histórias e Lembranças - Crônicas Morrinhenses e A noite de 15 anos.*



Num destes dias, em um sebo, um pequeno livro chamou-me a atenção. Comprei-o. Era uma versão francesa do romance **The Fowler**, de Beatrice Harraden (1864-1936), que o tradutor intitulara *L'Oiseleur*. É uma dessas edições cuidadosas, do fim do século XIX ou início do século XX, da editora Hachette, que não se fazem mais: capa resistente, encadernação perfeita, dezenas de ilustrações de Serafino Macchiati, ótimo pintor italiano radicado em Paris, cada uma delas uma pequena obra de arte. Só em casa, ao começar a lê-lo, vi que em sua primeira página havia uma apaixonada dedicatória:

**“Neda minha: Cheguei a Lillyland com paixão e muito amor; parto, contudo, levando mais paixão, mais amor, gosando felicidade e mui agradecido dos teus encantos, afagos e carinhos. M. Aranha 2/2/1911”.**

Na leitura do livro, parei e, dezenas de vezes, li essas poucas frases, que me aguçaram a curiosidade. Há coisas óbvias nelas. Uma: o homem, em seu interior, em seus sentimentos, é imutável. Não há diferença entre o que esse apaixonado escreveu em um romance que enviou à sua apaixonada, há mais de um século, e a mensagem que a moça re-

cebe hoje do namorado pelo seu iPhone. Mudou o descartável, o veículo. O conteúdo, o essencial, permanece absolutamente idêntico. A palavra amor continua sem substituto nos lábios ou na pena de quem está vivendo o enlevo do mais alto sentimento de afeto. Começo a indagar, porém: quem foram Neda e Aranha? Brasileiros, sem dúvida, concluo. A dedicatória em português só pode estar unindo duas pessoas que aprenderam essa língua no colo materno. E este livro que folheio não estaria em um sebo no Brasil se tivesse sido ofertado a uma portuguesa. A linguagem intimista, quase ferosa para a época, que o enamorado usou, está longe de ser aquela dos contidos, mesmo quando muito apaixonados, portugueses. Não é a que a gente lê em Júlio Dantas, um sabido, mas circunspecto galanteador. É, definitivamente, uma declaração de amor tropical. Por certo não eram marido e mulher, Neda e “M”.. Nada sugere isso. O texto indica uma viagem, uma separação, sem uma data prevista para um novo encontro. Ele está deixando Lillyland, sem dizer, ao menos enquanto escreve, quando voltará. Ou se espera uma ida dela ao seu encontro. Mas não é um adeus. É muito apaixonado para sê-lo. Namorados? Mais

certo que amantes, como deixam entrever certas palavras da curta declaração de nosso amigo “M.”: minha, encantos, afagos, carinhos.

Em 1911, tais palavras não caberiam no diálogo de simples namorados. Chamar de minha, revelar encantos, prodigalizar afagos de carinho não era coisa de namoricos. Mais que supõem, essas palavras revelam uma intimidade, sem maiores rebuscos, gravadas num livro, sujeito a ser folheado por qualquer um que o retire da estante. Amantes, sem cuidados de esconder que se amam, é o que serão. Neda não seria uma mocinha, pois em 1911 elas eram passíveis de um desmaio, lendo uma dedicatória como essa. No mínimo enrubesceriam e arrancariam a página, que iria direto para o fogo. Neda deve ter, então, seus 25 anos, o que significa uma moça madura, nesse início de século XX. Será uma bela mulher, para despertar tal paixão em nosso “M.”. E deve ser independente, feminista, quando o feminismo está dando seus primeiros, mas já ruidosos passos. Sufragista, por certo, pois era importante, e até elegante sê-lo, na época. Posso quase imaginá-la, de cabelos curtos, à *lagarçonne*, como se dizia, fumante, quando ainda escandalizava a



muitos um mulher fumando. O livro que ela recebeu, devidamente dedicado, foi escolhido com cuidado: Beatrice Harraden, a autora inglesa, era então conhecida prócer do movimento feminista europeu. Neda não deve ser nome. Não é nome que se use em países de língua latina ou anglo-saxã. É um nome persa, ou árabe. Deve ser, em nosso caso, apenas um apelido dado em família, uma contração de um nome próprio, que nunca conheceremos, e que o apaixonado, íntimo dela e da família, tem o direito de usar. E

ela tem cultura, pois lê em português e francês. Pelo menos. Deve ser também fluente em inglês. Afinal, está vivendo em propriedade de nome inglês: Lilyland. E quem seria M. Aranha, nosso enlevado personagem? O sobrenome nos dá uma pista: a família Aranha foi uma que deu vários "barões do café", membros da aristocracia paulista que criou a base econômica do estado mais importante da Federação. Muitos integrantes ilustres da família exportavam para a Europa e para os EUA o

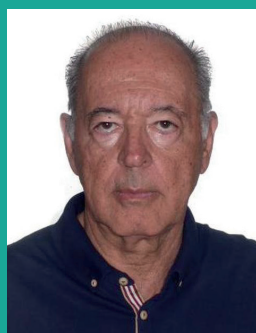
café que produziam em suas belas fazendas do Vale do Paraíba. Esse café era enviado do porto de Santos para os portos europeus de Marselha ou Le Havre, na França, Antuérpia, na Bélgica, ou para Londres, Manchester ou Liverpool, na Inglaterra. Natural que o exportador visite compradores e distribuidores. Não é desarrazoado imaginar Neda como parente de um deles. Nosso amigo "M." tem um talhe de letra reto, que indica segurança, e não comete erros de português, ao fazer sua dedicatória. Eviden-



temente, domina mais de uma língua. Se assim não fosse como escolheria o livro em francês, que parece ter esmeradamente selecionado para Neda? É, não nos enganemos, um cidadão culto e de posses. Será, seguramente, mais velho que Neda, mas não tão velho que tenha arrefecido o fogo interno do coração. Ele se mostra bem aceso ali, na dedicatória. "M." deve ter por volta de 30 anos, em 1911. Uma pergunta ainda nos intriga: aonde foi "M." se encontrar com Neda, levando consigo a carga de paixão e amor, sem dúvida nascida em encontro ou encontros anteriores e que só faria aumentar nesse início de 1911? Onde fica Lilyland? Mistério, sobre o qual só podemos fazer algumas ilações: não será no Brasil. Neda não estará em uma bela sede de fazenda de café em São Paulo, ou no norte do Rio de Janeiro. Nenhuma delas recebeu jamais, que se saiba, um nome estrangeiro. Neda está vivendo

na Europa, onde as moças brasileiras ricas estudam, aprendem línguas, canto, piano e pintura. O nome parece apontar para uma propriedade próxima de Londres, Manchester ou Liverpool, essa Lilyland onde "M." vai visitá-la, em uma enorme e confortável casa, com muitos serviçais, vastos campos bem cuidados em volta, reservas de caça e umas cavalariças que abrigam ótimas montarias. Neda e "M." terão ido à cidade grande, aos cafés, às livrarias, aos teatros. Terão cavalgado juntos, quando o inverno permite, por esses campos de Lilyland. Terão tido longas e apaixonadas conversas junto a uma lareira enquanto chove ou neva na noite lá fora, e os parentes e amigos já terão se recolhido, tontos de sono. Terão se estreitado nos braços, como fazem os jovens enamorados... Como não aumentariam a paixão e o amor de "M." que está prestes a voltar para o Brasil?

Mistério final: esse livrinho encontra, em 1930, quase vinte anos depois, outra dona, de nome também estranho. Chama-se Hüah Evelina. Ela o assina duas vezes e o data. Como obteve? Morreria o amor de Neda e "M.", e ela se livraria pura e simplesmente do livro, juntamente com outras lembranças da antiga paixão? Não. Não creio que Neda entregasse a uma amiga ou conhecida o livro com tão íntima e pessoal dedicatória. Ela terá morrido jovem, aos quarenta e poucos anos, no Brasil, e seus pertences, o livro inclusive, tomado outros rumos. É isso. O leitor que teve a paciência de me seguir até aqui há de dizer: devaneios, simples devaneios, onde só há de real uma vintena de palavras que alguém escreveu há mais de cem anos. Sim, respondo. Que sejam só isso: devaneios. Mas não me atire o leitor a primeira pedra. São devaneios sobre o amor, e quem nunca os teve?



### Irapuan Costa Junior

*Foi prefeito de Anápolis, governador do estado de Goiás, deputado federal e senador. Conselheiro do Tribunal de Contas dos Municípios do Estado de Goiás.*

*Livros publicados: Goiás, Comunidade Ecumênica, 1977; Realidade Municipalista, 1979; Opinião, 1991; Primeiros Princípios - Tradução - "First Principles, Herbert Spencer, 2009; Teimosas Lembranças (crônicas), 2014; Jogo da Memória (crônicas), 2015, Filosofia do Estilo - tradução - "Philosophy of style, Herbert Spencer", 2016*

*Escreve para vários jornais e revistas, especialmente para o Jornal semanário goiano, OPÇÃO.*

## SAUDADE DOS ANOS CINQUENTA

João Damasceno Porto

- João vem comigo até o Centro para eu comprar um forro para o sofá - disse minha esposa, meio que pedindo e meio que impondo.

- Vou; eu estou mesmo querendo dar uma olhada para o passado.

- Como? Não entendi!

- Bobagem, deixa para lá. E fomos.

A loja que ela queria ir ficava na esquina da Avenida Anhanguera na esquina da Avenida Goiás, na Praça do Bandeirante, atrás da estátua do velho Anhanguera. E o Anhan-

guera caminha no sentido leste-oeste. Aqui, eu começo olhar para o passado, para o meu pequeno passado, coisa de pouco mais de cinquenta anos.

Enquanto Selma escolhia o forro eu fiquei nessa esquina, olhando para a estátua do feiticeiro que um dia quis por fogo nas águas do Rio Vermelho. Há cinquenta anos, o pedestal do Bandeirante era mais baixo e não havia ali os arranha-céus que hoje estou vendo. Na esquina, à frente e à esquerda da estátua, ficava a Casa Capital, uma loja que vendia brinquedos, armarinhos e roupas. Uma saudade imensa me atropelou. Como eu sou saudosista!

Ainda esperando por Selma, caminhei alguns passos na Avenida Anhanguera, no sentido leste e olhei para o pequeno prédio em frente, de fachada *art nouveau*. Como era há cinquenta anos, continua sendo o Hotel Lord, mas não tem o glamour dos anos cinquenta, quando foi o melhor e mais badalado hotel dessa década.





Ali havia um salão de barbearia. Eu me lembrei de que, nesse salão, eu cortei meu cabelo em Goiânia pela primeira vez, e que fui levado até lá por um amigo e vizinho da Rua Treze. Que saudade!

Dei mais alguns passos e parei. Olhei para o lado e pensei: nesse local havia um prédio de dois andares, onde funcionava uma Radio - não me recordo do seu nome, mas lembro-me de que tinha grande audiência. No prédio ao lado - ou seria no mesmo? - funcionava a Câmara dos Vereadores. Novamente me invadiu uma saudade quase doída.

Andei mais alguns metros e parei na esquina da Rua Sete. Olhei para a minha direita e, com tristeza, não vi o Café Central; no lugar, vi uma relojoaria. Eu pensei: quantos negócios foram feitos nas mesas desse Café! Quantos papos animados trocavam os seus frequentadores, que eram pessoas importantes da sociedade da década de cinquenta... A fachada é a mesma, mas coberta por enorme painel da dita relojoaria. Não me veio a saudade e, sim, a indignação.

Enquanto Selma continuava a escolher o forro, eu virei à direita, dei alguns passos e me surpreendi olhando para um monte de concreto armado, o Parthenon Center. Que coisa horrorosa, que falta de gosto! Anteriormente, naquele mesmo local nossos pais faziam as compras de alimentos para casa; e eu os acompanhava com a intenção de comer um pastel ou uma empadinha. Ali ficava o Mercado Municipal. De onde eu olhava, dava para ver um dos seus portões de entrada, com um desenho de arte contemporânea.

Na pequena praça em frente, veio-me à memória a Casa Carajás, de propriedade dos irmãos Álvaro e Joaquim da Veiga Jardim, fundadores do Goiânia Esporte Clube. Naquela loja, eles contratavam os melhores jogadores para o seu clube.

A casa ainda está lá, mas já não existe a velha loja de artigos esportivos, caça e pesca. Na frente, vi uma pequena placa anunciando: "Aluga-se". Quanta saudade! Deu-me vontade de chorar, só não o fiz por falta de

coragem. Lembrei-me, também, da Padaria e Confeitaria Rainha, que ficava na esquina da Rua Quatro com a Rua Sete. Lembrei-me do pão sovado, da rosca rainha, do pão mandi - como eram gostosos! Hoje ficou o gosto da saudade.

Selma continuava na loja de enxovais à procura do forro e eu, ali, me lembrando do tempo em que Goiânia era quase uma adolescente. Voltei para a Avenida Anhanguera, atrevi-me a atravessá-la, passei em frente de onde outrora fora o Café Central e me interroguei: Cadê a velha engraxataria? Cadê o Restaurante Picadilly? Já não existem mais.

Voltei, não para o passado, voltei para o presente, voltei à loja aonde Selma me aguardava.

- Onde você estava? - ela me perguntou, acrescentando: Eu te aguardo há alguns minutos.

- Estava tomando um café ali na esquina.

- No Café Central?

- Não, o Café Central não existe mais.



**João Damasceno Porto**

*É Prof. Adjunto da clínica médica da Faculdade de Medicina da Ufgo, Mestre em Gastroenterologia pela Faculdade de Medicina da UFG, membro titular da Academia Goiana de Medicina.*

Não tenho tempo na vida para ter  
todo tempo para o tudo fazer.  
Não tenho momentos que cheguem  
para ter momentos para tudo ler,  
amar e sentir o gosto de tudo  
descobrir.  
Estaria o Eclesiastes enganado?

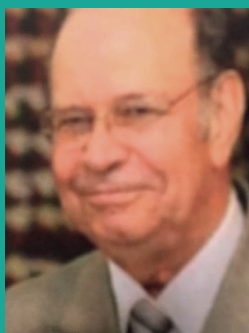
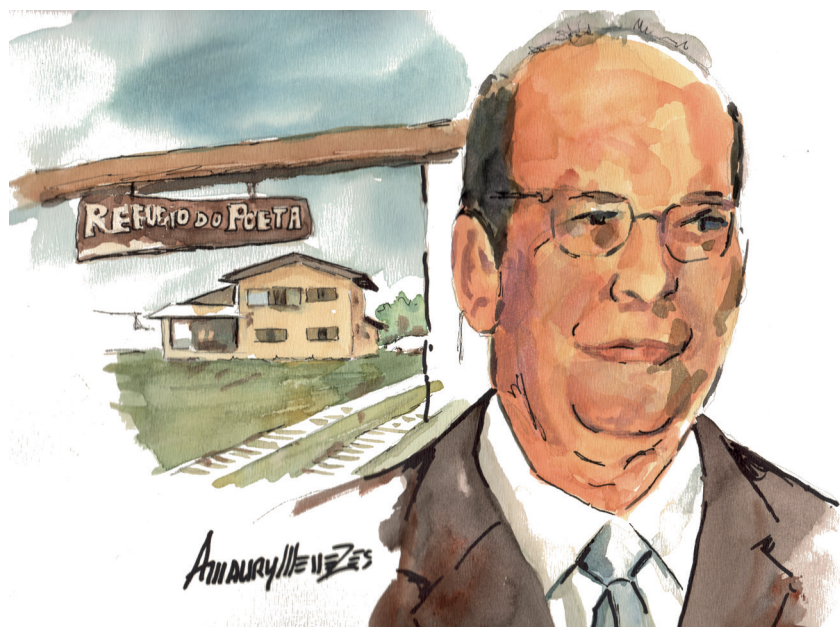
Preciso amar e odiar no mesmo instante,  
ouvir e ensurdecer-me com os mesmos  
propósitos, com a mesma mão ajuntar  
e jogar pedras para os sete ventos,  
amar e guerrear durante o amar.

Preciso amar, odiar e perdoar  
com a mesma intensidade, iluminar  
e confundir com a mesma clareza,  
conscientizar-me de que levei anos  
para conquistar a linguagem e tecer  
histórias de muitos enredos.

Não tenho o tempo que procuro.  
Quando o encontro, esqueço-me  
de que ele estava comigo na esquina  
e no encontro com a medusa, porque  
quando o encontro, perco a esperança  
ou me esqueço de que começara  
a esperar por outro encontro.

O tempo me lembra de que tenho  
ama profisional e corpo amator.  
Por isso, confundo seis com meia  
dúzia, o corpo com espírito, a luz  
com as trevas, e, ao um só tempo,  
sou cego de prazeres e de mágoas  
amargas.

O tempo me lembra que morrerei  
como uma cigarra morre no inverno,  
ou como as folhas que caem no outono;  
mas sei que os ramos nus apontam  
para um lugar onde há tempo  
para tudo.



**José Fernandes**

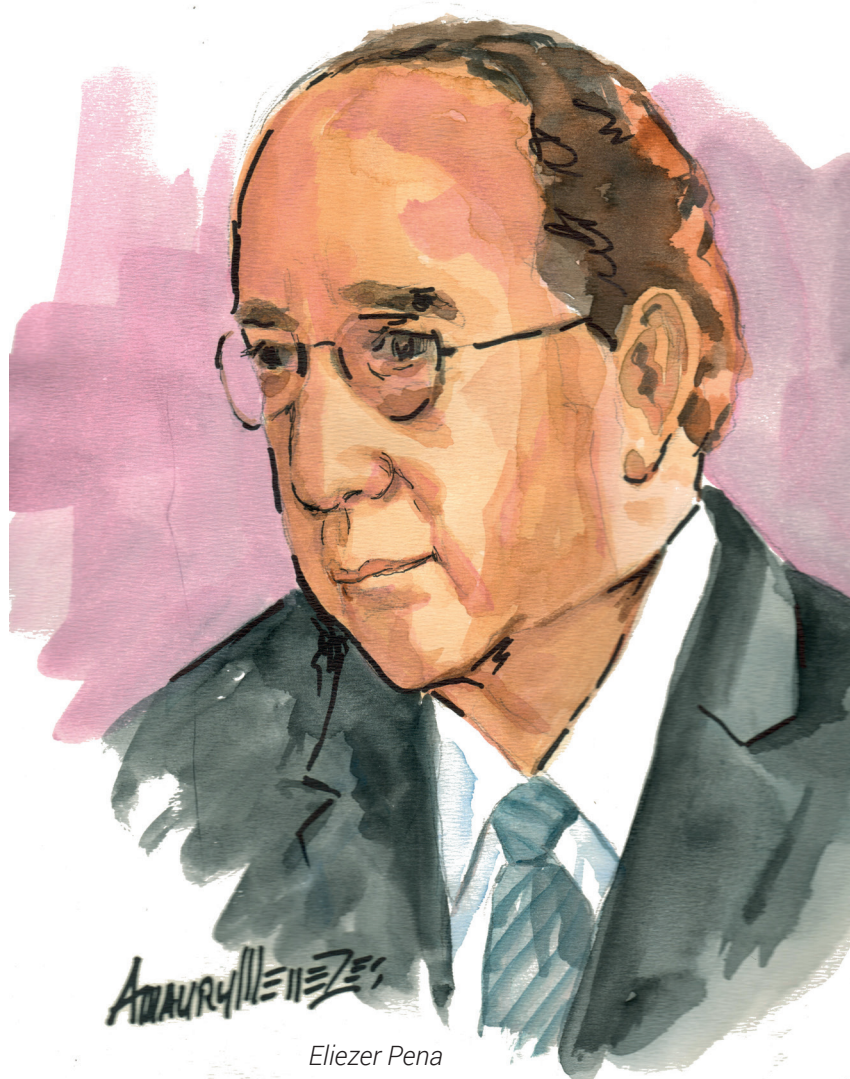
*É Mestre em Letras pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Doutor em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); Membro da Academia Goiana de Letras. É autor de uma vintena de livros, destacando-se: - O Existencialismo na ficção brasileira, o Poema Visual, O selo do poeta, Dimensões da literatura goiana, O interior da letra, Poesia e ciberpoesia, Ponto X, Assombramentos, Água Mole, dentre muitos outros. Faleceu em Goiânia no dia 23/02/2018, com 72 anos de idade.*



Era eu bem pequena e já ouvia que não se pode confiar nos políticos. Havia-os, na nossa família; todavia, era sem entusiasmo, como se cumprissem uma obrigação, que os parentes se desincumbiam do ritual de votar neles e orientar os eleitores para que o fizessem. Meu avô tinha uma cadernetinha com a lista dos “meus eleitores” – votantes que o seguiam na escolha de candidatos. Lealmente, aconselhava-os a sufragar o nome dos sobrinhos, eternos candidatos do PR, o velho Partido Republicano; durante a Primeira República, eles elegeram-se para a Câmara e para o Senado da República, até que veio a Revolução de 1930 e não houve eleições por muitos anos.

Conheci-os, a esses primos, quando estavam no ostracismo; nenhum deles enriqueceu, nem fez negociatas, nem cometeu atos ilícitos – mas integravam o rol dos ditos “carcomidos” ou “decaídos”, assim rotulados e depostos pelos “tenentes”. Até que, em 1945, voltaram ao proscênio com o fim do Estado Novo. Candidataram-se e – mais velhos e mais vividos - elegeram-se novamente. Via-os à distância como adultos “importantes”; pareciam-me amáveis, mas feitos de outra matéria, de outro estofado que não o de pessoas comuns.

De outra parte, no exercício de sua profissão de engenheiro ferroviário, meu pai costumava criticar os políticos que priorizavam e buscavam o voto como bem maior, e pouco se esforçavam em beneficiar o povo com realizações que



Eliezer Pena

resultassem em desenvolvimento econômico e social. Em determinados momentos, ele ficava indignado com a desfaçatez alguns líderes – muito incensados - que se apropriavam de obras para cuja concretização em nada ajudaram, e das quais passavam a dizer-se paladinos e defensores.

Vivendo nesse clima de descrença em relação à política, custou-me rever tal postura – o que só aconteceu quando, já na maturidade, cheguei à conclusão de que se é ruim com os políticos, pior seria sem eles.

Ao longo da minha vida profissional, tive oportunidade de conviver com alguns ícones da vida pública brasileira, que me levaram a adotar posição menos intransigente em relação aos políticos. Dentre outros, os saudosos Alberto Deodato e Clóvis Salgado, meus colegas no Conselho Federal de Educação. Deodato era da UDN e Clóvis, do PSD – partidos que se hostilizavam mutuamente. No CFE isso não acontecia; vez por outra, entretanto, os debates tornavam-se acalorados entre os veteranos conselheiros.

Em momentos de descontração, eram ambos exímios contadores de casos. Nos jantares em que nos reuníamos após exaustivo dia de trabalho, eu não perdia uma só das muitas histórias que desfiavam sobre suas andanças pelo interior de Minas Gerais. Com eles, aprendi o quanto a profissão política é incerta e fugaz, sempre a exigir humildade e sagacidade do candidato. Sem falar no desgaste físico, nas despesas inevitáveis, no cansaço das campanhas, nas longas jornadas em busca da matéria volátil que é o voto do eleitor.

Associo tais lembranças ao livro de Eliézer Penna: “Política e políticos. Divergências e convergências”. Como sugere o título, trata-se de coletânea de histórias sobre a política e alguns políticos, nas décadas de 1950 a 1970. O autor é um dos mais conhecidos escritores de Goiás, nascido em São Paulo e goianizado por muitos anos de moradia na terra adotiva, onde constituiu família e desempenhou funções de relevo na imprensa, na administração pública e na esfera parlamentar. Integrou a Academia Goiana de Letras e exerceu forte liderança na área da comunicação social.

Conheci Eliézer Penna quando aportei a Goiânia, vinda do Rio de Janeiro; ele chegou em maio, e eu,

em agosto de 1949. Ainda estudante comecei a escrever na Folha de Goiaz, órgão dos Diários Associados, do qual era redator-chefe o então jovem jornalista. Por algum tempo, continuei como cronista desse jornal; Eliézer foi para “O Popular”, o qual modernizou e aperfeiçoou. Na opinião de muitos, foi ele o fundador da moderna imprensa goiana.

Deixei o jornalismo e optei pelo magistério; de longe, acompanhava a atuação política e jornalística de Eliézer Penna, profissional de sensibilidade aguçada, o primeiro de Goiás a entrevistar Juscelino Kubitschek, quando o presidente veio conhecer o local onde seria erguida a nova capital. Depois de aprovada pelo Congresso a Lei Emival Caiado, que fixou a data da mudança da capital para 21 de abril de 1960, JK sancionou-a em solenidade realizada no Palácio do Catete, com a presença do alto escalão governamental.

Kubitschek assinou o documento com a caneta presenteada por jornalistas goianos, liderados por Eliézer Penna, na qual se lia a inscrição: “Este ato representa o passo mais viril, mais enérgico que a Nação dá, após sua independência política, para sua plena afirmação”.

Muito haveria a dizer sobre Eliézer Penna, recentemente falecido. Dentre outras virtudes, o domínio exemplar da língua portuguesa, a par da emoção e beleza expressas em crônicas e poesias, ao lado de pitadas de ironia, sua marca registrada.

Foi-me agradável e nostálgico ler “Política e políticos...”. O que ali se conta parece vir de outro mundo, um mundo até certo ponto ingênuo, ainda que não lhe faltasse o tempero da irreverência. São dezenas de historietas, cada qual melhor do que a outra; reproduzo a intitulada “O quarto completo” – que diz bem das condições de desconforto e improvisação das campanhas eleitorais de antanho.

Certa vez, um experimentado piloto, que fazia um voo fretado por políticos, desceu em Barreiras, na Bahia. Nas palavras do autor: “Era quase noite e ele tinha que pernoitar na cidade. Dirigiu-se à melhor pensão local, onde foi recebido pelo proprietário, a quem pediu um quarto.

– O senhor quer quarto simples ou completo? O simples é um preço. O completo é outro.

– E qual a diferença? – indagou o viajante.

– O simples é só o quarto. O completo lhe dá direito a penico e lamparina.



**Lena Castello Branco**

*Doutora em História, Professora Titular (aposentada) da UFG. É autora/organizadora de seis livros, dentre os quais “Arraial e coronel: dois estudos de História Social” recebeu o prêmio Clio da Academia Paulistana da História (SP); e “Poder e Paixão: a saga dos Caiado”, a Menção Honrosa no Prêmio Pedro Calmon do IHGB (RJ). Publica ensaios e artigos em periódicos especializados; participa de coletâneas com textos históricos e literários. Nascida em Parnaíba (PI), é Cidadã Goiana, Cidadã Goianiense e Cidadã Vilaboense. Sócia Emérita do IHGG; sócia fundadora da AFLAG e da SBHM; membro titular da AGL, da ATLECA e da ABLACE. Cronista semanal do jornal Diário da Manhã e colaboradora do periódico UNIMED- Cerrado em foco.*



\* Excerto do livro: *DRAMAS DO OESTE - história de uma excursão nas regiões da Ilha do Bananal, em 1950.*

O javaé, como todo nosso nativo, traz, na hereditariedade, os resquícios de seus antepassados e que perduram ainda em nossos dias. Tem os mesmos costumes de seus avós: detesta o trabalho. O rio é o seu meio de comunicação, sua fonte de alimento e o seu principal elemento e nessa verdadeira estrada cintilante da vida ele vive feliz, caçando e pescando. Aí nasce, vive e morre.

Quando vemos um desses nativos dentro de sua embarcação, pequena e ligeira, a ubá, remando ou zingando o dia todo, desde o clarear e o anoitecer, temos a impressão de que essa raça é mais forte que a nossa. A resistência física tem qualquer coisa de invulgar e é muito superior à qualquer de nossos atletas. Quando está na sua ubá, caçando ou pescando ao longo do rio, a embarcação é manejada com tal velocidade que parece impulsionada por motor de popa. Ele é adestrado desde criança no uso da flecha, a sua arma inseparável e dificilmente erra o alvo. A pesca e a caça são elementos instintivos; com a espingarda, sempre é bom atirador e com o arpão é exímio arpoador.

Ao amanhecer caem n'água: não importa que esteja fazendo frio, porque é velho hábito de mulheres e crianças, desde a mais

tenra idade, tomarem banho pela manhã. Quando o sol começa a nos fustigar, os mosquitos em densas nuvens se dirigem para as aldeias onde com as muriçocas e pernalongos constituem verdadeiro martírio. Mas a natureza não deixou desprotegidos os filhos das selvas e eles têm também seus meios defensivos. E para se defenderem dos insetos, untam o corpo com óleo e desenham sobre a epiderme interessantes figuras. Devemos notar que não existem índios com cabelos brancos, por mais velhos que sejam; isso é devido ao óleo com que enegrecem o cabelo que jamais perde a cor.

As suas refeições são simples e feitas uma vez só ao dia, isto é, desde o amanhecer até altas horas da noite. Sempre há o inseparável mingau "calugi" e nunca falta o peixe. Este é jogado no braseiro com tripa e escamas, da mesma maneira que foi retirado d'água. E fica assado, delicioso, as escamas se desprendem naturalmente, e a carne fica separada, alva e saborosa. Ao entrar em cada umas das palhoças, deparamos com mandioca e batatas doces assadas. Também a farinha, como o beiju, fazem parte integrante de sua alimentação.

A aldeia é sempre alegre e de longe se ouve a algazarra formi-

dável do vozerio, da passarada doméstica que criam. Araras, papagaios, periquitos, mutuns, gai-votas, colhereiros, jaburus e todos os pássaros que conseguem apanhar quando ainda filhotes, são domesticados. Geralmente, ficam nos tetos das moradias de palha e quando um cristão penetra no interior dessas choças esparsas, os pássaros estranham, gritam, cantam ou emitem sons agudos, estridentes, ou entoam afinadas melodias. A época do ano mais feliz do índio é o verão, que vai desde o início de maio até meado de novembro. Constroem ranchos de palha sobre o areal das praias, nas margens ou nas ilhas do rio. Durante essa época, vive uma vida digna de ser vivida.

Quando estão sozinhos nos singelos ranchos, nunca usam as suas esfarrapadas indumentárias e permanecem completamente despídos, sentados ou deitados em suas esteiras trançadas da seda do buriti, misturados com animais domésticos que criam, cães e pássaros, e dão gargalhadas e brincam como fazem as crianças ainda na idade de brincar.

A sua nudez é coisa natural, não tem malícia, nem maldade; assim nascem, vivem e morrem. Às vezes, estão pescando o pintado (peixe muito apreciado por







eles) ou flechando outros peixes nos baixios do rio; outras vezes, estão espalhados pelos campos, cerrados e capões, tirando o mel da marmelada, abelha muito abundante em toda região. A pesca, que durante o verão é alimentação básica, além de ser uma obrigatoriedade para o sustento da família e da passadeira que criam é também um esporte muito apreciado e mesmo a única coisa que sabem fazer. E levam uma existência feliz, flechando, o dia todo, os peixes ou tirando o mel das abelhas.

Quando começam as desovas de tracajás e tartarugas, os primeiros nos meses de julho e agosto, e as tartarugas de outubro até novembro, lá estão os javaés nas praias, revirando-as e enchendo as embarcações de ovos que são muito apreciados.

E quando cansam disso tudo, então formam as duplas do Aruanã e dançam e cantam dia e noite e se revezam, de quando em vez. Também, é nesse tempo que efetuam os seus passeios em outras aldeias. Quando viaja sozinho em sua embarcação, não encosta à margem e à noite inteira procu-

ra, sem descansar, o rumo da aldeia. Se estiver com muito sono, deita-se no fundo da frágil canoa e deixa que esta vá rodando pelo rio, entre as corredeiras. Porém, o seu ouvido é sensível ao mais imperceptível ruído para nós. E, assim, está sempre alerta e em guarda para se defender de qualquer agressão ou imprevisto.

O índio javaé, em número mais limitado que o carajá, vive em esparsas aldeias e em grupos muito reduzidos. São, no entanto, belos exemplares raciais, havendo verdadeiros tipos hercúleos. Isso devido à existência que levam como bons desportistas, pois suas vidas dependem do rio, e o dia inteiro, remam, nadam ou zingam. O menino no limiar da existência, assim que adquire força para esticar o arco, aprende a flechar e, em seguida, é adestrado no manejo da embarcação, serviço este que executará até o fim da vida.

Quando inicia o inverno, as praias vão, aos poucos, submergindo e o longo período de verão é terminado. Os índios procuram as barreiras, retornando às suas antigas moradias durante o inverno e onde as águas não al-

cançam. Sempre em lugares descampados; na verdade, são ativos na escolha, pois o mais exigente dos mortais acharia a planície bela e ótima para viver. Nessa época pescam menos e caçam com mais frequência e vão mais constantemente às roças. É um tempo triste, de chuvas torrenciais, de alagadiços, de maior proliferação dos insetos. E sendo o tempo adverso, o javaé dorme quase o dia inteiro e aguarda, com saudades, os bons tempos de verão.

Javaés e carajás nunca se separaram completamente, porque têm um elo comum de ligação; o vale do Araguaia. São, portanto, unidos pelos mesmos costumes e ideias às margens do majestoso Beroô-Can (nome que os índios deram ao rio Araguaia)

Os índios da tribo canoieiros que se isolaram e afastaram-se embrenhando nos gerais, com maiores dificuldades de vida, vão, aos poucos, se extinguindo mais facilmente. Evitam contato com os seus primos javaés e vão se tornar lendários. Por viverem decadentes e ocultos, são pouco agressivos, na atualidade.



**Leoldio di Ramos Caiado**, Nasceu na cidade de Goiás em 1921; estudou no Ginásio Anchieta, de Bonfim, hoje cidade de Slvânia e no Liceu de Goiás, em 1941 fez o curso preparatório Agrícola Betlen no Ceará e em 1942 o curso na Escola Preparatória de Fortaleza, de 1943 a 1944 cursou a Escola de Aeronáutica do Campo dos Afonsos.

*Em 1945 foi convidado pelo Marechal Candido Rondon para integrar uma expedição de levantamento topográfico do vale do rio Tapirapés, formou-se em Direito pela Universidade Federal de Goiás. Foi membro da AGL (primeiro ocupante da cadeira 27).*

*Livros publicados : Expedição Sertaneja Araguaia-Xingu, Dramas do Oeste, Currichão da Saudade, Arapoema - Vale das Caraibas, Araguaia, rio da Vida e Acontecimentos (crônicas).*

# AS CRENDICES, OS CHÁS MEDICINAIS E OS REMÉDIOS POPULARES NO CAMINHAR DO SÉCULO XX EM GOIÁS\*

Maria Augusta

\* Excerto do Livro: - DOS PRIMEIROS TEMPOS DA SAÚDE PÚBLICA EM GOIÁS À FACULDADE DE MEDICINA – Maria Augusta de Sant’Anna Moraes – 2012 – (1ª edição) – Capítulo 3.

O nível cultural da população goiana, suas superstições e crenças fizeram dos charlatões, benzedores e raizeiros homens respeitadas. Eram requisitados para atender doentes a quilômetros de distância e recebidos com cerimônia pelas famílias hospedeiras, que lhes ofereciam o melhor possível. Diagnóstico e terapêutica eram um “saco de gatos”, variando de um para outro caso semelhante: “espinhela caída, vento virado, gálico, afecção da mãe do corpo [...] era um desfilar de doenças, [...] até hoje não consegui saber exato o que significa espinhela caída”. Os medicamentos acompanhavam a variedade dos males: chás de folhas e de raízes, garrafadas, fumo, pó de chifre ou de casco de animais e muitas benzeções.

Segundo Pedro Tahuil, formado pela Universidade de São Paulo, integrante de um grupo de médicos que se radicou em Porto Nacional na década de 1970, a serviço de uma medicina científica, preventiva e social digna de ser modelo ainda na virada do século XX, “o primeiro trabalho da equipe, era familiarizar-se com a terminologia dos sintomas [para eles] um mundo de novidades”.

Em geral os órgãos humanos recebiam a denominação dada aos órgãos dos animais: garganta

- goela, pulmões - bofes, intestino - tripa, vesícula - passarinha, coluna dorsal - suã, costela - entrecosto, e seu terminal - mindinha, estômago - bucho etc.

Para curar órgãos e males com essas denominações, alguns tratamentos eram estranhos, outros não; em se tratando de doenças graves, alguns eram inócuos ou antecipavam o fim; para os males psicossomáticos, atuavam como placebo; e algumas ervas, como chás e certas manipulações, agiam sobre organismo de forma positiva: chá de cabelo de milho, como diurético, seiva de babosa, como cicatrizante, ótima para assadura de recém-nascido, chá de funcho ou hortelã, para cólica de neném, chá de erva-cidreira, para dormir, borra de café para mordedura de cobra (discutível), emplastro de erva-de-santa-maria, como cicatrizante, chá de capim-meloso para diabetes, losna macerada com água, para o estômago, mistura de suco de limão, polvilho e água, para diarreia; e água e vinagre, para este mesmo mal.

Terapêuticas estranhas e agressivas eram comuns. Para eliminar *humores* e *reimas* acumulados no organismo, tidos como prejudiciais ao desempenho sexual, a receita era “escaficar” o jarrete, região posterior dos joelhos,

provocando um ferimento que era “cultivado” até purgar os *humores*; protegido com uma tira de pano, por esse lugar “as reimas do corpo se escoavam”, devolvendo ao paciente o vigor sexual. Para o retardamento do andar da criança, matava-se uma novilha, abria-se o bucho e, de imediato, nele assentava-se a criança nua, de forma que todo calor das vísceras penetrasse em seu corpo por um bom tempo. As sangrias eram indicadas para muitos e muitos males: sangue grosso, dores de cabeça, hepatite, infecção de olhos etc.

Históricas e universais, as sangrias eram feitas com as não menos universais sanguessugas, cultivadas e aplicadas pelos físicos e cirurgiões e, às vezes, pelos barbeiros.

Para se ter uma ideia da medicina praticada em Goiás nas décadas de 1920 e 1930 do século XX, os jornais da época são um referencial ilustrativo. Anunciavam com frequência remédios disponíveis à população: vários tipos de elixir, xaropes, pílulas, fortificantes, vermífugos etc.

Para combater a sífilis, por exemplo, se recomendava o *Elixir 914*, “adotado oficialmente no exército”. Vários outros produtos eram divulgados: *Elixir do Cabo Verde*, “moléstias do estômago, fígado e in-





testinos”; *Elixir Nogueira*, “feridas, espinhas, úlceras [...] avaria - milhares curados”; *Elixir da Mulher* e o tradicional *Fluxo Sedentina*, com os quais “a mulher está a salvo”; “Está sem forças? Preguiça insônia, irritação... se quer vencer o mal, *Venadiol*.”

Vale ainda lembrar o *Calcigenol*, o encanto das crianças pelo sabor agradável; o inversamente detestado e sempre presente na vida das crianças dos segmentos sociais médios, *Emulsão de Scott* (óleo de bacalhau), tendo no rótulo a figura de um homem forte, com um bacalhau nas costas, que competia com ele em tamanho; *Vinho*

*Creosotado*, do farmacêutico e químico João da Silva; *Vermiol Rios*, “contra vermes e opilação. O efeito é fulminante. Não tem dieta. Não precisa purgante”.

Muitos dos remédios anunciados como milagrosos, persistem nas prateleiras das farmácias até os dias de hoje.

Em meio a esses anúncios, uma notícia científica importante foi encontrada:

*Processo para a radioscopia dos vasos pulmonares.*

O prof. Egas Moniz, de Lisboa, comunicou à Acade-

mia de Ciências a sua descoberta, feita com a colaboração dos professores Lopo de Carvalho e Almeida Lima, que permite verem-se sob a ação dos raios X os vasos pulmonares. Tal resultado ainda não conseguido até hoje, obtiveram-no[...] com a injeção de certos líquidos opacos na aurícula direita.

Outras vezes os remédios anunciados vinham com o respaldo de médicos, na forma de atestado público:

Surpreendentes resultados Dr. Luiz Costa, médico pela Faculdade de Medicina da Bahia, especialista em moléstias dermatológicas e sifilíticas. Atesto que tenho empregado por várias vezes o *Elixir de Nogueira* do farmacêutico João Silva Silveira em todas as formas sifilíticas tirando sempre os mais surpreendentes resultados.

Fortaleza (Ceará), 30 de agosto de 1913.

Ass. Dr. Luiz Costa.

O médico Dr. Luiz Costa nunca esteve em Goiás, e o atestado firmado em 1913 estava presente nos jornais ainda na década de 1930, para efeito de dar credibilidade ao anúncio do *Elixir de Nogueira*.

Entre os anúncios analisados, o que chama mais atenção, considerando o conservadorismo da época é o da *Pasta Russa*, que explora a figura de uma mulher formosa, de corpo e rosto, nua, tendo à frente, entre a cintura e um pouco acima dos joelhos, um cartaz onde se

lê: "Vossa Excia. já conhece a Pasta Russa do Doutor G. Ricabal que dá à mulher a beleza dos seios? Com o seu uso a mulher obtém em menos de um mês, uns seios lindos, desenvolvidos, rígidos e formoseados".

Com a chegada do rádio, os anúncios de remédios ficaram mais insistentes, muitos deles musicados: "*Pílulas de Vida do Doutor Ross*, fazem bem ao fígado de todos nós". Quem não se lembra desse e de muitos outros?

Na coleção do *Novo Goyaz* (1931), encontram-se anúncios de um especialista em olhos, residente em São Paulo, formado pelos serviços de oftalmologia de Campinas (SP). Por muitos anos esses serviços foram referência na especialidade para os habitantes de Goiás detentores de poder econômico.

Hélio de Brito relembra, em entrevista, experiências vividas no exercício da medicina no interior de Goiás nos anos de 1930, quando os curandeiros e charlatões, mesmo perigosos, recebiam mais confiança da população do que os médicos. Para ele, os chamados casos difíceis ocorriam quase sempre à noite. E relata:

Céu limpo e estrelado, um peão da fazenda puxando cavalo arreado veio me chamar para socorrer uma mulher, afirmando que a criança nasceu, mas o resto ficou. Depois de andar horas montado naquele cavalo arreado, carregando a maleta de urgências, encontrei, à chegada, ambiente tranquilo e uma notícia: "a mulher despachou o resto" [...]

"Como?" [ ... ] "Um compadre, incomodado, trouxe um curador, morador atrás da serra, e ele deu um jeito. Apanhou uma espingarda pica-pau e disparou a arma na janela fechada do quarto da mulher; encheu o cano ainda quente e enfumaçado dessa arma de fogo com água, entrou depressa no quarto e mandou que a mulher a bebesse. O resultado é que ela ficou boa. A arte do homem é forte".

Hélio de Brito explica a cura: "o susto agitou a parturiente, que sofreu uma forte contração uterina, expelindo a placenta [...] Em todo o caso, a fama do *curador que mora* atrás da serra correu mais forte pela região".

Muitas vezes os casos dos curadores terminavam em tragédia:

Em Anicuns, um homem de cinquenta e sete anos [...] apresentava na parte anterior e superior do tórax volumoso tumor pulsátil [...] prestes a romper [...] Diagnosticuei aneurisma da aorta [...] Caso insolúvel àquela época e talvez mesmo hoje com a cirurgia cardiovascular [...] aconselhei muito cuidado, nenhum esforço, consolando-o com a esperança de viver mais anos [...] mentira piedosa [pois] sua morte era iminente."

Doente e acompanhante não acreditaram no diagnóstico do médico e foram procurar um "com-

petente curandeiro", que, ao apalpar e olhar o tumor, sabiamente sentenciou:

É um "polmão", coisa simples que se resolve agora; e com lâmina fina e afiada deu um corte na parede do aneurisma, não viu sair pus como esperava; presenciou jorrar sangue aos borbotões; a ignorância abreviou a vida de um doente, embora reconhecidamente incurável.

No primeiro lustro dos anos 1940, ainda persiste o quadro dos anúncios de elixir, de xaropes, da atuação dos charlatões, coexistindo com os anúncios de profissionais médicos, já oferecendo serviços especializados. São vários os relatos significativos que tratam da questão.

A professora Dalisia Martins Doles, uma das construtoras da historiografia científica goiana, no ano de 1995, percorreu as páginas de *O Popular*, década de 1940, e levantou vários anúncios de médicos, oferecendo à sociedade seus serviços e ressaltando suas especialidades:

Dr. Bráulio, doenças de pele, sífilis, doenças venéreas (1941); Waldemar da Silva Caldas, tratamento de blenorreia aguda e crônica e suas complicações (1943); Centro Cirúrgico de Goiânia, serviços médicos especializados em clínica geral; cirurgia geral e raios X (1940); Dr. Sylvio Ribeiro, médico especialista em do-



enças dos ouvidos, nariz e garganta (1940-1941); Dr. Pedro Starleny, especialista em alergias (1942); Dr. Mano Pereira, oftalmologista do Centro de Saúde de Goiânia, com aparelhamento completo para moléstias dos olhos (1942); Dr. N. Rassi, especialista em doenças de crianças (1942); Dr. Ayres Mendonça, clínica geral (1942); Dr. Edilberto da Veiga Jardim, clínica geral; Dr. Odiny Q. Fogaça, especialista em ouvidos, nariz e garganta (1944); Dr. Luiz da Glória Mendes, clínica geral, tratamento de crianças (1945); Dr. Clóvis Figueiredo, especialista em doenças do coração e dos vasos (1945); Dr. Sebastião Santana de Faria, especialista em doenças de senhoras, atende chamados (1946); Dr. Dorio-can Curado especialista em doenças de ouvidos, nariz e garganta, atende exclusivamente em sua especialidade (1946); Dr. Dorival de Moraes, especialista em pediatria e obstetrícia (1946); Dr. Octássio Correa Bittencourt, especialista em doenças de

crianças (1947); Dr. David Sekksolm, especialista em doenças de olhos, aparelhagem completa (1947); Dr. Wilson Carvalho, clínica geral (1948); Dr. Paulo de Moraes Bittencourt, médico do SESC, especialista em tuberculose e moléstias tronco-pulmonares, atendendo em seu consultório, à Avenida Goiás, os empregados do comércio e seus beneficiários (1949).

Foram esses, além de outros poucos, os primeiros médicos especialistas em Goiânia.

Nos anos 50, os anúncios continuam frequentes, rotineiros. Deles são exemplo: Waldomiro S. da Cruz, clínica infantil, puericultura, pré-natal e partos (1952); Dr. Carlúcio Andrade, médico de olhos (1959).

É nessa década que a medicina científica entra no cenário da saúde pública em Goiás. Cabe registrar os esforços do Dr. Wilson Mendonça, que clinicara em Rio Verde e tentava conscientizar a população sobre a existência da doença de Chagas em Goiás, afirmando que a doença que matava no sudoeste goiano era o Mal de

Chagas, não um mal hereditário como se acreditava. Na mesma década, há registros de campanhas pró Colônia Santa Marta, de combate à lepra; de ações do governo para construção de hospitais; de planos para colocar em cada município um médico residente; notícias sobre verbas para a construção de hospitais. Enfim, o dia a dia jornalístico estava então cheio de notícias sobre a saúde pública. Goiás não entrava ainda na era do desenvolvimento, mas acenava crescer em alguns setores, como o da saúde.

Também outras mudanças vão ocorrer em Goiás nessa década.

A literatura goiana volta-se para a vida dos sertões, seus costumes e usos, sua dureza, violência e amargura, seu lirismo. Carmo Bernardes, Bernardo Élis e muitos outros desnudam esse mundo que persiste no tempo.

Ursulino Leão, em *A procissão do silêncio*, aborda com propriedade, temas inerentes à história, à sociedade e aos usos e costumes de Goiás. Charlatões, médicos e farmacêuticos são figuras que se revelam nessa obra.



### **Maria Augusta Sant'Anna Moraes**

*Nasceu na cidade de Piracanjuba (GO), iniciou seus estudos na terra natal e transferiu-se para Goiânia, onde concluiu o ginásio (Colégio Santa Clara) e o segundo grau (Colégio Santo Agostinho) e graduou-se em História e Geografia pela Universidade Católica de Goiás. Foi professora Universitária por muitos anos; pertence (membro) ao Instituto Histórico e Geográfico de Goiás, Academia Piracanjubense de Letras e Artes e a Academia Goiana de Letras; publicou mais de dez livros, destacando-se a "História de Goiás" e o clássico "Dos primeiros tempos da Saúde Pública em Goiás à Faculdade de Medicina".*

# LEVANTO OS PÉS / SANTA TEREZINHA

Sônia Maria Santos

## Levanto os pés

Levanto os pés e olho longe:  
lápiz de cores sobre tudo.

Só o sono das crianças  
e dos cordeiros  
em brancos lírios.

E quando os vivos, querendo Deus,  
não mais voltarem para casa,

será ainda o mundo um horizonte  
de espumas e luas e sol cravado.

(E quando ao Letes  
eu chegar em segredo,  
será como uma árvore no seu tempo).



## Santa terezinha

Rosas ardentes, trago,  
infinitas pétalas, halos de luz,

nos ombros e braços,  
feridos, cansados  
dos improváveis transcurso;

nas dobras do irreversível,  
com meus três filhos.  
(mais os filhos do mundo).

Braçadas de rosas, ainda,  
de Santa Terezinha, de Lisieux,  
até os dias últimos.



## Sônia Maria Santos

*Nasceu em Anápolis, é membro titular da UBE-Goiás. Figura no Dicionário do Escritor Goiano, de José Mendonça Teles; no Dicionário Crítico de Escritoras Brasileiras, de Nelly Novaes Coelho; na Revista Poesia Sempre, Fundação Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro. Com seis Livros publicados: A teia dos dias, Casa do Tempo, Mar Invisível, Todas as Fábulas, Matéria da Alma e Lúcida Chama. Em 2007 os prêmios: Francisco da Silva Nobre – UBE-Rio; Colemar Natal e Silva – pela AGL; Em 2015, recebeu o prêmio Orígenes Lessa pela UBE-RIO.*



# AS MELHORES SOLUÇÕES FINANCEIRAS **PARA A SUA EMPRESA**

*A Sicoob UniCentro Brasileira tem todos os produtos e serviços de uma instituição financeira tradicional e ainda proporciona inúmeros benefícios, porque nosso objetivo principal é **cooperar** com você e com o seu negócio.*

*Nosso resultado é consequência de uma relação em que todos saem ganhando e as sobras (lucros) são distribuídas entre todos os associados.*

*Isto é cooperativismo.*



## ALGUNS DE NOSSOS SERVIÇOS:

- ▼ **CRÉDITO:** As melhores taxas e políticas de parcelamento.
- ▼ **MAQUININHA DE CARTÃO SIPAG:** Baixos percentuais sob faturamento.
- ▼ **INVESTIMENTOS:** Opções para curto e longo prazos.
- ▼ **SEGUROS:** Para funcionários, máquinas/equipamentos ou imóveis.

 **SICOOB**  
UniCentro Brasileira  
[unisicoob.com.br/unicentrobrasileira](http://unisicoob.com.br/unicentrobrasileira)  
**(62) 3221-2000**



# Sicoob UniCentro Brasileira

## Segurança e rentabilidade no mesmo lugar

A Sicoob UniCentro Brasileira tem todos os produtos e serviços de uma instituição financeira tradicional e ainda proporciona inúmeras vantagens, por ser uma cooperativa de crédito.

Ao se tornar sócio, você faz parte de uma organização que superou a meta de R\$1 bilhão em ativos e conta com uma gestão comprometida a oferecer rentabilidade.

Venha para a UniCentro Brasileira, se junte à força da união e aos benefícios do atendimento exclusivo. Administre seu patrimônio com uma das maiores cooperativas do País.



CARTÕES | CONTA CORRENTE | POUPANÇA | INVESTIMENTO | CRÉDITO | PREVIDÊNCIA | SEGUROS | MOBILE BANKING

Central de atendimento: 0800 642 0000  
Ouvidoria: 0800 725 0996

Deficientes auditivos ou de fala: 0800 940 0458  
Saiba mais: [unisicoob.com.br/unicentrobrasileira](http://unisicoob.com.br/unicentrobrasileira)

 **SICOOB**  
UniCentro Brasileira



# Somos parceiros da cultura.

Seguindo o 7º Princípio do Cooperativismo que incentiva a Formação, Informação e Educação, a Sicoob UniCentro Brasileira criou o Instituto Cultural. Hoje, ele possui um acervo que ultrapassa 3 mil livros, além de apoiar e desenvolver iniciativas com este fim.

MAIS  
DE 3.000  
LIVROS

Acesse [institutocultural.unisicoob.com.br](http://institutocultural.unisicoob.com.br)  
e veja tudo o que o Instituto Cultural tem para você.

 **SICOOB**  
UniCentro Brasileira

 **INSTITUTO CULTURAL**  
**SICOOB**  
UniCentro Brasileira